



UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO

CAUSAS DE (IN) SUCESSO ESCOLAR

Tese de Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos
Básico e Secundário

de

Hugo Gomes Martins

Orientadora:

Professora Doutora Ágata Cristina Marques Aranha

Vila Real, 2010

Hugo Gomes Martins

CAUSAS DE (IN) SUCESSO ESCOLAR

Dissertação apresentada ao Departamento de Educação e Psicologia da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Ágata Cristina M. Aranha

Vila Real, 2010

Agradecimentos

Durante a realização deste trabalho, muitas foram as pessoas que colaboraram para que este fosse possível. A todos eles não posso deixar de expressar a minha gratidão pelo seu importante contributo, pelo estímulo, colaboração e entusiasmo que me transmitiram. No entanto, alguns acabaram por ter uma influência mais directa que outros, e, por isso, expresso aqui o meu sincero agradecimento:

À minha Orientadora, Professora Doutora Ágata Aranha, por todo o apoio, orientação e profissionalismo, por todos os conhecimentos transmitidos, por ter sempre acreditado em mim, pela forma como me encorajou a realização desta tese.

Aos meus colegas e amigos Claude Miranda, João Sousa, Pedro Andrade, Luís Saraiva, Mark Francis, Júnior Silva, Pedro Abreu, Mário Correia e Andreia Silva por todas as vivências que juntos passamos ao longo deste percurso universitário.

Aos meus Pais e Irmã pela confiança, compreensão e orgulho que demonstraram pelo meu trabalho. Também pelo sacrifício que passaram para que eu pudesse ter um curso superior e realizasse o meu sonho de ser Professor.

A todos o meu sincero agradecimento.

OBRIGADO!

Resumo

O presente estudo desenvolvido nesta dissertação focou-se num tema que, principalmente nas últimas décadas, tem sido dos mais explorados e analisados mas nem por isso podemos afirmar que está esgotado, o (in) sucesso escolar.

Nesse sentido pretendemos aclarar e aprofundar o conceito de sucesso/insucesso escolar analisando-o consoante as diferentes épocas e autores, identificar os seus intervenientes dando voz a um deles, os alunos, na procura de soluções para um futuro melhor no campo educacional.

Contemplando o acima descrito estruturou-se o trabalho em três partes fundamentais. Na primeira parte definimos o tema, a sua evolução e identificamos os seus intervenientes. Na segunda parte do estudo apresentamos e discutimos dados relativos a uma investigação elaborada a 28 alunos do 8ºano de escolaridade, na tentativa de perceber quais os factores por eles escolhidos na problemática do (in) sucesso escolar. Nessa investigação foram usados inquéritos que visavam verificar “As Causas de Sucesso e Factores de Abandono” dos alunos de uma escola do centro da Cidade de Vila Real. As questões abordavam vários motivos sendo a escola, família, organização pessoal e motivação os mais referenciados pelos alunos. Na terceira parte evidenciamos as suas escolhas e apresentamos propostas para conseguirmos com que o sucesso escolar chegue a todos sem excepção.

PALAVRAS CHAVE: (In) sucesso escolar; escola; família; motivação

Abstract

The study presented in this thesis focuses on student failure, an issue with great social importance. Although this subject has been extensively studied over the last decades, it can not be considered a worn-out issue.

Thus, the study was intended to: clarify and deepen the concept of success and failure in schools, analyzing it according to different periods and authors, identify the players and enhancing one of them (the students) with the purpose of finding solutions for a better future in education.

To achieve the established objectives, the work was structured on three fundamental parts. The first part consisted of theme definition, its evolution and player identification. In the second part of the study, research results covering twenty eight students from eighth schooling grades was presented in order to find the main factors of success and failure of those students. For this research, inquiries were used to address the causes of success and abandonment factors of a student community from a school in the Vila Real town centre. Several reasons were enumerated by the students involved, namely: family, school, individual organization and motivation. Finally, in the third part of the project, the students' opinions were evidenced and suggestions for improvement of school success were presented.

KEY WORDS: success and failure, school, family, motivation.

ÍNDICE GERAL

1.1 - Introdução	2
1.2 - Relevância do estudo	3
1.3 - Enquadramento do Tema.....	3
2 - REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	5
2.1 - Sucesso/Insucesso Escolar	6
2.2 - Insucesso escolar / insucesso educativo	7
2.3 - Aproximação conceptual ao insucesso escolar	8
2.4 - Quem determina o Sucesso e Insucesso Escolar?	13
2.5 - A importância da escola	13
2.6 - Intervenientes no Sucesso e Insucesso Escolar	15
2.6.1 - Alunos	15
2.6.2 - Meio familiar	15
2.6.3 - Comunidade escolar.....	17
2.6.4 - Sociedade	19
2.7 - Como se manifesta o Sucesso e Insucesso Escolar	19
2.8 - Onde se verifica maior Insucesso Escolar.....	19
3 - METODOLOGIA	21
3.1 - Metodologia	22
3.2 - Caracterização da Amostra	22
3.3 - Instrumentos	22
3.4 - Técnicas.....	22
3.5 - Procedimentos.....	22
3.6 - Tratamento de Dados.....	23
4 - APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	24
4.1 - Apresentação e discussão dos resultados	25
4.2 - Discussão Geral do Estudo	47
4.2.1 - Situação de Portugal	47
4.2.2 - Melhoria das condições = Aumento do Sucesso Escolar?	48
4.2.3 - Comparação com restante União Europeia	49
4.2.4 - Soluções e medidas específicas contra o insucesso escolar	49
4.2.5 - Curiosidades	55
4.2.6 - Eternidade do Insucesso Escolar	56

5 - CONCLUSÕES	57
5.1 – Conclusões	58
6 - BIBLIOGRAFIA	60
ANEXO.....	65

Índice de Gráficos

Gráfico	Descrição	Página
Gráfico 1	Taxas de retenções de 2003	20
Gráfico 2	Idade	25
Gráfico 3	Valores relativos às repostas dos alunos	26
Gráfico 4	Valores relativos às repostas dos alunos do sexo feminino	27
Gráfico 5	Valores relativos às repostas dos alunos do sexo masculino	28
Gráfico 6	Ajuda por parte da escola na preparação para os exames.	29
Gráfico 7	Disponibilidade de tempo e apoio familiar para estudar	30
Gráfico 8	Disponibilidade económica e de material adequado para estudar	31
Gráfico 9	Estudo acompanhado	31
Gráfico 10	Percepção de dificuldades de aprendizagem (auto-conceito de capacidade)	32
Gráfico 11	Responsabilização e percepção do aluno da importância dos estudos	33
Gráfico 12	Expectativas pessoais em relação ao rendimento académico ou em relação às notas.	33
Gráfico 13	Responsabilização e percepção dos pais do aluno da importância dos estudos do filho	34
Gráfico 14	Estabilidade emocional e afectiva, satisfação com a vida e equilíbrio de felicidade	35
Gráfico 15	Estilo de vida saudável nas horas de sono, alimentação e consumo de substâncias	36
Gráfico 16	Organização e articulação de horário escolar, tempos livres e tempo de estudo diário	37
Gráfico 17	Nível de exigência por parte dos professores	38
Gráfico 18	Acompanhamento e apoio dos professores	38
Gráfico 19	Estratégias de ensino e de aprendizagem adequadas ao nível dos alunos	39
Gráfico 20	Interesse e motivação dos professores na aprendizagem dos alunos	39
Gráfico 21	Preparação académica dos professores	40
Gráfico 22	Motivação dos alunos para aprender	41
Gráfico 23	Definição de objectivos para o futuro (dos alunos e dos pais)	42
Gráfico 24	Percepção da importância dos estudos para o futuro.	43
Gráfico 25	Equilíbrio e estrutura familiar	44
Gráfico 26	Articulação entre a matéria de ensino e a realidade da vida.	45
Gráfico 27	Aplicabilidade das aprendizagens em profissões futuras	45

Índice de Tabelas

Tabela	Descrição	Página
Tabela 1	Amostra	25
Tabela 2	Causas de (In) Sucesso Escolar	25

1 - Introdução

1.1 – Introdução

O Insucesso Escolar é um tema que tem vindo a ser cada vez mais abordado por diversos autores devido a sua crescente frequência e complexidade. Além disso como futuros professores que iremos ser, a realidade do insucesso escolar vai estar presente no nosso quotidiano. Isto faz com que o tema escolhido seja sem dúvida de grande interesse.

Então para apresentar este trabalho, elaboramos o mesmo em seis partes:

I – Introdução

II – Revisão Bibliográfica

III – Metodologia

IV – Apresentação e Discussão de Resultados

V – Conclusões

VI - Bibliografia

A primeira e segunda parte tem o objectivo de esclarecer o conceito de (In) Sucesso Escolar e apresentar as suas principais causas com base na investigação de diversos autores.

A terceira parte descreve a metodologia utilizada e os seus procedimentos. Na quarta parte expomos a apresentação e discussão dos resultados obtidos e posteriormente as principais conclusões que retiramos dessa análise. A última parte, enunciamos as fontes pelas quais recorreremos para realizar este trabalho.

1.2 - Relevância do estudo

No campo educacional, principalmente nos últimos cinquenta anos, a temática sobre o insucesso/sucesso escolar tem sido uma das mais pesquisadas e nem por isso pode-se dizer que esse tema foi esgotado. Novos olhares têm sido lançados sobre essa temática visando compreender, entre outros factores, como se explicam os casos de sucesso escolar.

Enquanto estudante e, sobretudo, professor estagiário ao longo de este ano lectivo de trabalho junto dos alunos da comunidade escolar da região de Trás-os-Montes e Alto Douro e convivendo diariamente com alunos em situação de insucesso e outros, menos numerosos, em situação "improvável" de sucesso escolar, vejo como é pertinente e imprescindível, ainda nos nossos dias, analisar o insucesso e sucesso dos alunos.

Defendo a ideia de que sucesso e insucesso escolar são duas faces da mesma moeda. Sendo assim, encontramos explicações para o insucesso escolar, quando discutimos o sucesso e, discutindo o insucesso, entendemos melhor a questão do sucesso escolar.

1.3 - Enquadramento do Tema

A análise das abordagens do insucesso escolar na realidade educativa portuguesa tem de ter em conta a história da instituição escolar, das ideologias e das políticas educativas. Michel Gilly (1989), num estudo sobre as representações sociais no campo educativo, mostra como o discurso sobre as desigualdades acompanha as diferentes fases da vida da instituição escolar.

O insucesso escolar revelado pelo alargamento do acesso à escola primária de toda a população em idade escolar, fenómeno relativamente recente na Europa, tem sido explicado por diversas teorias. Em primeiro lugar, a *teoria dos «dotes»* (desde o final da segunda guerra mundial até ao final dos anos 60), baseada em explicações psicológicas individuais. O sucesso/insucesso é justificado pelas maiores ou menores capacidades dos alunos, pela sua inteligência, pelos seus «dotes» naturais.

Em segundo lugar, afirmou-se a *teoria do «handicap» sociocultural* (desde o final dos anos 60, início de 70), baseada em explicações de natureza sociológica. O sucesso/insucesso dos alunos é justificado pela sua pertença social, pela maior ou menor bagagem cultural de que dispõem à entrada na escola. O cruzamento entre origem social/resultados escolares revela a existência de mecanismos mais vastos na produção do sucesso/insucesso, que não pode ser atribuído apenas a causas psicológicas individuais.

O papel «reprodutor» da escola foi posto em evidência no quadro desta teoria, que sublinhou o modo como as desigualdades sociais se transformam em desigualdades escolares, que legitimam, por sua vez, as desigualdades sociais.

A teoria do *handicap* sociocultural permitiu desenvolver actividades de discriminação positiva em relação às crianças das classes socioeconómica e culturalmente desfavorecidas e deu origem às correntes de educação compensatória.

A partir dos anos 70, o trabalho de análise da produção do insucesso escolar ultrapassa as relações escola/meio e interessa-se pelos mecanismos que operam no interior da própria escola; interrogando o seu funcionamento e as suas práticas, a *corrente socioinstitucional* sublinha a necessidade da diferenciação pedagógica, pondo em evidência o carácter activo da escola na produção do insucesso; este é visto como resultado duma relação quotidiana entre as práticas escolares e os alunos das culturas não letradas; ultrapassando algum fatalismo presente na teoria do *handicap* sociocultural, investe-se na transformação da própria escola, nas suas estruturas, conteúdos e práticas, procurando «adaptá-la» às necessidades dos diversos públicos que a frequentam, elucidando subtis mecanismos de reprodução de diferença e procurando caminhos de facilitação das aprendizagens para todos os alunos.

2 - REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 - Sucesso/Insucesso Escolar

Para analisar a temática proposta, partiremos de definições do que poderíamos chamar de insucesso escolar. O aluno em situação de insucesso escolar é aquele que não consegue atender às expectativas da escola e de seus profissionais e, quando avaliado, não responde ao que lhe foi "ensinado". Segundo GLÓRIA (2002), o aluno com insucesso não consegue cumprir as exigências escolares e aprender o que esta instituição e por extensão a sociedade, valorizam como saberes fundamentais e legítimos.

Para CHARLOT (2000, p.81), não existem alunos falhados, mas situações de insucesso, histórias escolares que terminaram mal, segundo LAHIRE (1997), "histórias de solidão".

O Insucesso Escolar caracteriza-se pela incapacidade de uma criança corresponder aos objectivos da escola em termos escolares. A ideia de insucesso está associada a uma falha ou lacuna num conhecimento ou comportamento.

Sucesso é um estado de espírito. A origem da palavra explica o porquê: *sucessus* é o participio passado do verbo latim *succedere*, “acontecer”. Ou seja, sucesso é apenas um facto acontecido. Qualquer facto, mesmo o mais comum. A maneira como situamos esses factos no contexto de nossas vidas é que nos dá a percepção, puramente pessoal, de algo extraordinário. É por isso que cada um vê o sucesso de maneira diferente.

Sucesso é sermos reconhecidos pelo nosso trabalho, pelas nossas ideias. É ir dormir tranquilo e acordar sereno, com as energias renovadas para mais uma Contudo, para perpetuar o sucesso ele tem que ser alicerçado na base forte e duradoura da ética.

É atender ao conjunto completo de todos os requisitos e limitações mantidos como expectativas do projecto pelos que estão no comando.

2.2 - Insucesso escolar / insucesso educativo

Há umas décadas, o insucesso escolar era reduzido, ou nem se ouvia mesmo falar de tal problema, pois, como o ensino não era obrigatório, “era escassa a quantidade de crianças e jovens estudantes” (cf. Martí e Guerra (dir.), 1997:72), inerente a esta situação é “natural que houvesse reduzido insucesso escolar, uma vez que existia já à entrada um filtro muito claro” (cf. Ibidem, 1997:72).

Com a escola de massas intensificou-se o fenómeno do insucesso escolar. De início perspectivava-se como um problema isolado, no caso de um aluno que não conseguia transitar de ano, passando a ser visto como um fenómeno social onde estão implicados não só os alunos, mas também os outros intervenientes no sistema educativo. Desta forma, embora a escola contemporânea se afirme de igual para todos, esta apresenta-se ainda, como uma dificuldade para muitos alunos. O seu desempenho escolar muitas vezes não é o pretendido pelos pais, pelos docentes e como é natural, por eles próprios. Quando tal acontece utiliza-se com frequência, a expressão insucesso escolar.

Não podemos esquecer que quando um aluno chega à escola traz inerente uma família, tem uma origem social, um nível socioeconómico e cultural demarcado, o que constitui uma desigualdade logo à entrada da escola. Muitas vezes, o desejo de igualdade de oportunidades é uma utopia.

Assim, impõem-se grandes desafios à instituição escolar, para que os seus alunos possam ser futuros cidadãos interventivos na sociedade, podendo estes ser encarados em duas vertentes: em primeiro lugar, a actualização e a especialização dos saberes, ou seja, “requer-se, através dos conteúdos programáticos e da sua actualização regular, que o conhecimento científico produzido chegue aos alunos também pela escola” (cf. Morgado, 1999:9); em segundo lugar, é requerida uma formação global e pessoal do indivíduo, isto é, “torna-se necessário um esforço de integração e equilíbrio entre a dispersão e especialização de conhecimentos e a globalização da acção educativa, de forma a evitar que a educação seja «simplesmente» transmitir conhecimentos mas, fundamentalmente, a construção de um projecto viável para chegar ao futuro” (cf. Ibidem:9).

Contudo, ao falarmos de insucesso não devemos desprezar a correlação entre insucesso escolar e insucesso educativo, uma vez que, para além de ensinar conhecimentos, a escola deve assumir o papel de educar. Pires, Fernandes e Formosinho (cf. 1991:187-188) atribuem à educação as finalidades de “instruir, estimular e socializar os educandos”, ou seja, “visa a aquisição de determinados conhecimentos e técnicas (instrução), o desenvolvimento equilibrado da personalidade do aluno (estimulação) e a interiorização de determinadas condutas e valores com vista à vida em sociedade (socialização)” (cf. Ibidem:188). Desta forma, pode dizer-se que se alguma destas dimensões não for atingida há insucesso na educação escolar.

O insucesso educativo, toma deste modo, uma dimensão abrangente, extravasando largamente o âmbito do insucesso escolar, em que o presente trabalho se centra. Naturalmente não se pretende descurar a importância fulcral que a escola desempenha no desenvolvimento das outras dimensões. Para realçar esta ideia, Pires, Fernandes e Formosinho (cf. Ibidem:188) dizem “que na escola é valorizada a instrução em detrimento de uma concepção mais ampla de educação onde a dimensão personalista... a dimensão socializadora... são claramente subalternizadas. Frequentemente, acontece que estas dimensões não são tomadas em consideração num juízo global sobre sucesso ou insucesso escolar, quando realmente elas são essenciais para caracterizar a eficácia do projecto educativo”.

2.3 - Aproximação conceptual ao insucesso escolar

O conceito insucesso escolar continua a ser alvo de discussão por todos os agentes do sistema educativo, uma vez que continua a inquietar uma grande parte da nossa sociedade, sendo tema de interesse para investigadores, sociólogos e pedagogos, quer pela taxa de reprovação, quer pelo abandono que ainda se verifica nas nossas escolas.

Ao observarmos os dados sobre o insucesso escolar Português advindos da Eurydice (1995) constatamos que não é utilizado apenas um indicador de insucesso escolar, mas vários: os exames, as retenções, o abandono e absentismo escolares. Neste sentido, é pertinente questionarmo-nos afinal o que é o insucesso escolar?

A polissemia semântica do termo é congruente com o quadro de referências conceptuais, com as expectativas e com o grau de envolvimento de quem aborda o insucesso escolar.

No entender de Roazzi e Almeida (1988), para os professores o insucesso escolar é devido à falta de bases, de motivações, de capacidades dos alunos ou do disfuncionamento das estruturas educativas, familiares e sociais. Para os pais e público em geral, a responsabilidade do insucesso escolar recai nos professores apontando concretamente as faltas, a desmotivação, a formação insuficiente dos professores.

Na sociedade actual, parece-nos difícil encontrar uma definição que reúna unidireccionalidade consensual. Do ponto de vista metodológico deveremos então compreender, situar e descrever o conceito de insucesso escolar estruturando-o como um *puzzle científico* (termo usado por Thomas Kuhn, 1962/1975) onde se agregam um conjunto de modelos e disciplinas que o explicam. Cada análise disciplinar representa ou contribui para um ângulo de visão do conceito do termo insucesso escolar. A contribuição depende dos modelos de referência de quem o analisa e da perspectiva que dele tem.

Esta análise sobre o conceito ocorre quando algo falha no sistema, quer dizer, quando fracassa alguma acção educativa que não foi orientada correctamente. Devemos salientar que este conceito é extremamente complexo, já que, dependendo dos intervenientes educativos, o significado que lhe é atribuído é diverso.

Assim, o insucesso escolar é um problema global que preocupa pais, professores e alunos (cf. Benavente, 1990).

“Quando se aponta mais de 40% de repetência no fim da 1.^a fase do ensino primário, torna-se evidente que não se trata de um caso ou outro explicável em termos individuais mas sim de uma questão social e institucional relativa a um grande número de alunos” (cf. Idem, 1988:23).

Caracteriza-se desta forma, pelo baixo rendimento escolar dos alunos, que por razões de vária ordem, não puderam alcançar resultados satisfatórios, não atingiram os objectivos desejados no decorrer ou no final de um determinado período escolar e, por conseguinte, reprovam.

Pires, Fernandes e Formosinho (cf. 1991:187) referem que o insucesso escolar é “a designação utilizada vulgarmente por professores, educadores, responsáveis de

administração e políticos para caracterizar as elevadas percentagens de reprovações escolares verificadas no final dos anos lectivos”.

Também Fernandes, citada na *Enciclopédia Luso Brasileira* (cf. 1980:162), designa insucesso escolar como “a não obtenção ou não realização de objectivos predeterminados pela organização escolar ou pela instrução em si”. Acrescenta, também que “o termo insucesso é um conceito que exige, *à priori*, um outro comparativo: mau resultado em relação aos objectivos escolares, falta de êxito na aprendizagem, ausência de eficácia na interiorização, apreensão e assimilação dos conhecimentos” (cf. *Ibidem*:162).

Segundo García Pérez (2001) “el fracaso escolar es una condición sociopersonal que puede quedar definida de manera operativa como la incapacidad de un individuo para alcanzar los objetivos educativos propuestos por un Sistema o Centro Escolar, para un determinado nivel curricular”.

(<http://www.tda-h.com/Fracaso%20Escolar%20y%20TDAH.html>)

A definição ditada pelo Ministério da Educação (cf. 1995:47) à Unidade Europeia da rede Eurydice anuncia que, “em Portugal, entende-se o insucesso escolar como a incapacidade que o aluno revela em atingir os objectivos globais definidos para cada ciclo de estudos”.

Centrando-se na instância escola, Iturra (cf. 1990:104) frisa que o “insucesso escolar é um fenómeno de falhanço na escola” e define-o como “a dificuldade que a escola tem de treinar mentes que já têm um conhecimento cultural do real”. Em consonância, contrapõe que o caminho para o sucesso consiste em “domesticar uma mente na verdade histórica, cultural e conjuntural. (...) A escola precisa de pôr as crianças no caminho da interrogação” (cf. *Ibidem*:129).

Não podemos tomar o insucesso como uma realidade evidente para a qual basta procurar “causas” e “soluções”. Devemos reflectir sobre este fenómeno, não o generalizando, uma vez que este poderá envolver realidades diversas e ser condicionado por contextos históricos específicos. Certamente que condutas e percursos escolares que se desviam da norma institucional sempre existiram. Já em finais do século XIX existiam alunos desobedientes ou escolarmente medíocres. Referiam-se a estes alunos como se a sua incapacidade para satisfazer as exigências disciplinares e/ou intelectuais da escola fossem atribuídas exclusivamente à sua constituição individual, ao seu

carácter. As causas deste mau desempenho eram colocadas fora da competência da escola (cf. Isambert-Jamati in Humbert, 1992:44).

O insucesso escolar converte-se num problema social quando um determinado nível de qualificações, necessário para participar na vida social e, em particular, na vida profissional, não é atingido no período de tempo estabelecido. Segundo Isambert-Jamati (cf. Hassenforder, 1990:59-60), "o aluno que estagna é o que não adquiriu no prazo previsto os novos conhecimentos e os novos "know-how" que a instituição, em conformidade com os programas, previa que adquirisse." É a Escola que define o que é sucesso ou insucesso.

De acordo com Perrenoud (cf. Humbert, 1992:86), é o sistema escolar, que segundo os seus próprios critérios e procedimentos de avaliação, constrói as representações de sucesso e de insucesso escolar. Assim a análise dos termos sucesso/insucesso reflectem as normas de excelência centradas num currículo em que o conteúdo e a forma influenciam de forma directa a natureza e a dimensão das desigualdades.

O sucesso e o insucesso são representações construídas pela instituição escola, centrados em procedimentos mais ou menos codificados, subentendidos por normas de excelência e por níveis de exigência institucionalmente definidos.

A determinação do currículo e das normas de excelência definem-se pelo poder central, sendo transmitidas na formação de professores e nas práticas lectivas. Porém, à instituição escolar e aos professores é dada alguma autonomia na interpretação e no cumprimento de um currículo formal, o que faz com que a escola possa determinar o nível de exigência relativamente ao aproveitamento do aluno. São os professores que organizam o trabalho escolar, escolhem as actividades e os conteúdos, dão uma forma concreta aos currículos e às normas de excelência. Desta forma, explicar a construção do insucesso escolar é também analisar a influência de todas estas escolhas institucionais e sociais, políticas e pedagógicas.

De acordo com Perrenoud (cf. Humbert, 1992:96-97), a escola não é considerada uma simples instância de avaliação, ela, antes de avaliar pretende ensinar, julgando, assim, os efeitos do seu próprio trabalho. Os discentes são avaliados sobre assuntos que tiveram a oportunidade de assimilar previamente. Explicar o sucesso ou o insucesso escolar é inevitavelmente explicar o insucesso do ensino.

Do exposto anteriormente, podemos inferir que o conceito de insucesso escolar pode ser considerado relativo, visto variar em função do sistema educativo implementado. Com efeito, conforme a tradição educativa, as exigências curriculares, as modalidades de avaliação e de orientação, assim irá variar o sucesso/insucesso escolar.

Poderemos questionar-nos ainda se haverá discrepância entre o desenvolvimento integral de uma criança e as exigências do sistema educativo propostas para a sua fase etária. Neste âmbito, Le Gall refere que “uma grande percentagem de insucesso escolar se relaciona com a inadaptação da personalidade da criança às exigências escolares” (cf. 1978:15). O mesmo autor salienta que nas escolas do ensino básico, colégios particulares ou outras instituições de ensino confrontamo-nos com uma enorme diversidade de personalidades infantis, e quando as escolas e as suas exigências não se sabem adaptar a essas personalidades e condicionamentos psicológicos que algumas crianças têm, tal pode levar ao insucesso escolar. Também para Le Gall, a adaptação da criança à escola deveria ser feita juntamente com o professor, a escola, o aluno e a família, indo cada um ao encontro dos outros, para que deste modo fossem ultrapassadas todas as dificuldades e possíveis falhas.

O insucesso escolar pode ainda atribuir-se à instrução escolar, no que concerne à incapacidade que o sistema educativo, muitas vezes apresenta, em dar resposta a um vasto número de problemas com que cada aluno se debate, podendo conduzir ao fracasso e, até mesmo, ao abandono escolar precoce. Para marcar esta posição, Iturra, afirma que “o insucesso escolar consiste na dificuldade que as crianças têm em aprender, em completar a escolaridade no tempo previsto, em obter notas altas ou pelo menos satisfatórias pelo seu trabalho escolar para poderem continuar os seus estudos” (cf. 1990:15).

O mesmo autor, relativamente a opiniões de professores que com ele conversaram, refere a existência de duas razões pelas quais este fenómeno acontece. Uma delas é que os discentes não estão interessados em aprender e os seus pais têm sobre eles expectativas que vão além das capacidades dos alunos. A outra razão afirma que o insucesso escolar dos alunos se deve à não existência de meios para ensinar e à inexistência de orientação pedagógica adequada. Iturra resume estas duas razões com a seguinte afirmação: “ou os estudantes não estão aptos para aprender, ou os professores não estão aptos para ensinar ” (cf. Ibidem:15).

Rangel (1994) atribui ao insucesso escolar “o significado de falência de um projecto, assim como a posição difícil em que somos colocados pelos adversários. No campo educacional, significa o insucesso num exame, bem como o afastamento definitivo da escola provocado por repetências sucessivas” (cf. Rangel, 1994:20).

Procuramos encontrar uma definição exacta e objectiva para insucesso escolar, mas tal é falacioso, já que, de acordo com Pires (cf. 1987:11) “não existe esta definição porque não pode existir!”. O autor argumenta “que não existe um, mas vários insucessos escolares. Depende tudo da perspectiva em que nos colocarmos...”, do contexto em que nos situarmos.

2.4 - Quem determina o Sucesso e Insucesso Escolar?

O nível de (in) sucesso de um aluno é determinado pelo avaliador ou professor. A constatação de um insucesso deve conduzir a um acréscimo ou alteração da acção educativa. O acréscimo é visível nas aulas de apoio, nas fichas de trabalho, nas explicações disciplinares externas à escola, nos clubes, etc. A alteração da acção educativa pode actuar sobre a metodologia do professor, a constituição das turmas, o horário da turma, a alimentação na escola, a comunicação familiar, etc.

Os professores desejam, trabalham e reflectem para mais e melhor sucesso. Mas não são os elementos primordiais para o sucesso. Com maior influência está o processo cognitivo do aluno, o ambiente familiar, os valores da sua sociedade e os seus procedimentos do sucesso escolar.

(Alcino Simões, 2006)

2.5 - A importância da escola

A escola tem sido pressionada para um papel cada vez mais decisivo na preparação para a vida activa. Essa preparação para o mercado de trabalho passou mesmo a ser considerada pelos jovens portugueses como a mais importante das funções da escola, conforme foi expresso no “Inquérito { Juventude Portuguesa” promovido pelo Instituto de Estudos para o desenvolvimento de 1982 (Alves Pinto, 1986).

Pesquisas recentes apontam que um grande número de adolescentes e adultos envolvidos na criminalidade ou até mesmo no uso de drogas tiveram uma história escolar complicada caracterizada por dificuldades na escola primária, auto conceito negativo, exclusão social entre outros.

(Topczewiski, 2003)

A escola é fundamental para o aluno, é a base da vida, tanto profissional como social. É a instituição mais importante, porque é em grande parte através dela que se adquire conhecimentos, é o lugar de formação e a educação deve ser disponibilizada para todos.

A educação formal ou académica é função da escola e o objectivo é juntamente com a educação familiar criar bases nos jovens em todas as áreas. Pais e escola devem educar juntos para um bem maior.

A criação de um verdadeiro cidadão, construtor de um futuro melhor para as próximas gerações, depende da relação que existe entre escola, pais, aluno, sociedade.

De modo a satisfazer a sua necessidade psicológica primordial, isto é, a de se destacar, de impor a própria personalidade e reafirmar a individualidade, o adolescente esforça-se, estuda, desenvolve determinado assunto, brilha em certas matérias e aplica-se em desporto, para que possa ser respeitado pelos colegas e ser o número um em alguma coisa (Formosinho & Fernandes, 1987).

2.6 - Intervenientes no Sucesso e Insucesso Escolar

Ao abordarmos as causas do sucesso e insucesso escolar, é pertinente referir os intervenientes das mesmas, e quanto à culpabilidade do insucesso não se pode identificar apenas um “culpado”, sendo que os mais importantes são a comunidade escolar, o sociedade (onde se insere também a família) e o aluno, sendo que este último assim uma relevância maior pois o sucesso ou insucesso é-lhe atribuído.

Enunciaremos de seguida algumas causas de acordo com os diferentes intervenientes.

2.6.1 - Alunos

Atrasos do desenvolvimento cognitivo. As escalas psicométricas de inteligência têm sido apontadas como um bom indicador para identificar estas causas individuais de insucesso escolar. O problema é que a grande maioria dos alunos que falham nos resultados escolares, têm um desenvolvimento normal.

A instabilidade característica na adolescência. Ela conduz muitas vezes o aluno a rejeitar a escola, a desinvestir no estudo das matérias, e frequentemente à indisciplina.

2.6.2 - Meio familiar

Pais autoritários, conflitos familiares, divórcios litigiosos, fazem parte de um extenso rol de causas que podem levar a que o aluno se sinta rejeitado, e comece a desinteressar-se pelo seu percurso escolar, adoptando um comportamento indisciplinado.

O ciúme e a vingança dos pais contribuem também para fazer estragos nos resultados escolares do alunos. Muitas vezes com medo que os filhos lhes deixem de manifestar afecto, trocando-os pela escola ou os professores, adoptam atitudes que contribuem para os afastar dos estudos. Outras vezes, fazem-no para se vingarem de não lhes terem sido proporcionados também na infância as mesmas oportunidades.

A origem social dos alunos tem sido a causa mais usada para justificar os piores resultados, sobretudo quando são obtidos por alunos originários de famílias de baixos recursos económicos, onde aliás se encontra a maior percentagem de insucessos

escolares. Os sociólogos construíram a partir desta relação causa – efeito uma teoria que explicar quase tudo:

Nas famílias desfavorecidas, por exemplo, os pais tendem a ser mais autoritários, desenvolvendo nos filhos normas rígidas de obediência sem discussão. Ora, quando estes chegam á adolescência revelam-se pior preparados para enfrentarem as crises de identidade – identificação, na afirmação da sua independência. A sua instabilidade emocional torna-se mais profunda, traduzindo a ausência de modelos e valores estáveis, levando-os a desinvestir na escola;

Os alunos oriundos destas famílias raramente são motivados pelos pais para prosseguirem os seus estudos; pelo contrário, ao mais pequeno insucesso, estes colocam logo a questão da saída da escola, o que explica as mais elevadas taxas de abandono por parte destes alunos;

A linguagem que estes alunos são obrigados a utilizar nos níveis mais elevados de ensino, sendo cada vez mais afastada da que utilizavam no seu meio familiar, aumentam-lhes progressivamente as suas dificuldades de compreensão e integração, levando-os a desinteressarem-se pela escola. Para prosseguirem nos estudos são obrigados a renunciarem à linguagem utilizada no seio familiar.

Os valores culturais destas famílias são, segundo alguns sociólogos, opostos aos que a escola propõe e supõe (mérito individual, espírito de competição, etc). Perante este confronto de valores, os alunos que são oriundos destas famílias estão por isso pior preparados para os partilharem. O resultado é não se identificarem com a escola. Nesta linha de ideias, Hollingshead, afirmou que os mais desfavorecidos guiam-se por objectivos a curto prazo (o presente), o que estaria em contradição com os objectivos visados pela educação (a longo prazo). Esta diferença de objectivos (e valores) acaba por os conduzir a um menor investimento escolar.

A demissão dos pais da educação dos filhos, é hoje uma das causas mais referidas. Envolvidos por inúmeras solicitações quotidianos, muitas vezes nem tempo tem para si próprios, quanto mais para dedicarem à educação dos filhos. Quando se dirigem às mesmas, raramente é para colaborar, quase colocam-se na atitude de meros compradores de serviços, exigindo eficiência e poucos incómodos na sua prestação.

2.6.3 - Comunidade escolar

Expectativas baixas dos professores e dos alunos em relação à escola. Nas escolas onde isto acontece os resultados tenderão a confirmar o que todos afinal estão à espera.

Objectivos não Partilhados. Se só alguns conhecem os objectivos prosseguidos pela escola, ninguém se pode identificar com ela. Não tarda que alguns se sintam como corpos estranhos, contribuindo para a sua desagregação enquanto organização, provocando a desmotivação generalizada.

Falta de Avaliação. Ninguém sabe o que anda a fazer, numa organização que sistematicamente não avalia os seus resultados em função dos objectivos que definiu, e muito menos se não procura identificar as causas dos seus problemas. O clima de irresponsabilidade não tarda a instalar-se e com ele os maus resultados.

O elevado número de alunos por escola e turma, tendem igualmente não apenas a provocar o aumento dos conflitos, mas sobretudo a diminuir o rendimento individual.

A organização de turmas demasiado heterogéneas, não apenas dificulta a gestão da aula pelo professor, mas também a sua coesão do grupo, traduzindo-se no incremento de conflitos internos. Tudo somado, temos mais uma causa para o insucesso.

O clima escolar, isto é, a qualidade do meio interno que se vive numa organização, é consensual que influencia bastante o comportamento dos seus membros contribuindo para o seu sucesso ou fracasso. O problema é que o clima escolar resulta de uma enorme variedade de factores, sobretudo dos que são de natureza imaterial como as atitudes, esperanças, valores, preconceitos dos professores e alunos, o tipo de gestão etc, e não tanto do ambiente físico (instalações, localização da escola, etc). O problema é identificar quais são as causas determinantes para um mau clima escolar. Uma coisa é certa, os alunos que trabalham num bom clima tendem a obter melhores resultados que os restantes.

A cultura organizacional, sucedânea no plano teórico do conceito de clima escolar, tem obviamente a sua cota parte no insucesso escolar. O problema é que desde os anos 60 que não param de se identificar novos tipos de culturas escolares.

O Professor, métodos de ensino, recursos didácticos, técnicas de comunicação inadequadas às características da turma ou de cada aluno, fazem parte igualmente de um

vasto leque de causas que podem conduzir a uma deficiente relação pedagógica e influencia negativamente os resultados.

A gestão da disciplina na sala de aula é outro factor que condiciona bastante o rendimento escolar dos alunos. Mas estamos longe de poder afirmar que uma aula completamente disciplinada seja aquela onde o insucesso escolar desapareça.

Os professores no início do ano criam expectativas positivas ou negativas sobre os alunos que acabam por influenciar o seu desempenho escolar. Embora não sejam os professores a inventar os bons e maus alunos, as investigações de Rosenthal e Jacobson, demonstram que os preconceitos destes muitas vezes inocentes, prejudicam muitas vezes os alunos sem que os professores se apercebam. Uma coisa parece certa, os alunos com expectativas baixas são mais prejudicados do que são favorecidos os alunos com expectativas altas. Ora, acontece que os alunos de estatuto sociocultural mais baixo são os mais negativamente considerados, tornando-se as principais vítimas das expectativas negativas ou baixas. Os alunos mais com baixas expectativas são em geral pior tratados pelos professores.

Existe na cabeça da maioria dos professores, um padrão de avaliação que tende a coincidir com uma curva normal. Assim, na avaliação que produzem, partem em geral pressuposto que apenas alguns são bons, a maioria são médios e proporcionalmente ao número dos primeiros, existem uns quantos que são mesmo maus e tem que ser eliminados.

A avaliação, conforme demonstram inúmeros estudos nunca é absoluta, pelo contrário varia em função de uma multiplicidade de factores. As modalidades pedagógicas, o contexto escolar, os métodos de avaliação, as disciplinas, os professores, os critérios utilizados, o modo como estes são interpretados, etc. Em resumo: a avaliação dá também um forte contributo para o insucesso escolar.

A dificuldade dos professores em lidarem com fenómenos de transferência, conduz, por vezes a situações com graves reflexos no aproveitamento dos alunos. O docente ao ser identificado com o pai (mãe) que o aluno se deseja afastar, torna-se no alvo contra o qual o aluno dirige toda a sua agressividade, gerando deste modo permanentes conflitos na sala de aula, conduzindo-o ao insucesso.

À crescente feminização do ensino são igualmente atribuídas culpas pelo insucesso. As professoras, conforme apontam alguns estudos, parecem ter uma maior preferência

pelas raparigas, o que poderá explicar o melhor aproveitamento destas face ao conseguido pelos rapazes, os mais penalizados.

2.6.4 - Sociedade

Ninguém tem dúvidas em concordar que a actual sociedade assenta num conjunto de valores que desencorajam o estudo e promovem o insucesso escolar.

Diversão, Individualismo e Consumismo, três valores essenciais na sociedade actual, são em tudo opostos ao que a escola significa: atitudes reflectida, procura incessante do saber e de valores firmes, etc.

2.7 - Como se manifesta o Sucesso e Insucesso Escolar

As manifestações de insucesso escolar são múltiplas, mas três delas são particularmente referidas pela possibilidade que oferecem de se poder medir a própria eficácia do sucesso escolar.:

- **Abandono da escola** antes do fim do ensino obrigatório.
- As **reprovações sucessivas** que dão lugar a grandes desníveis entre a idade cronológica do aluno e o nível escolar; Os níveis de fracasso que podem ser totais (em todas as disciplinas ou quase) ou parciais (numa ou duas disciplinas).
- A **passagem dos alunos** para tipos de **ensino menos exigentes**, que conduzem a aprendizagens profissionais imediatas, mas os afasta do ingresso no ensino superior.

(Luísa Morgado)

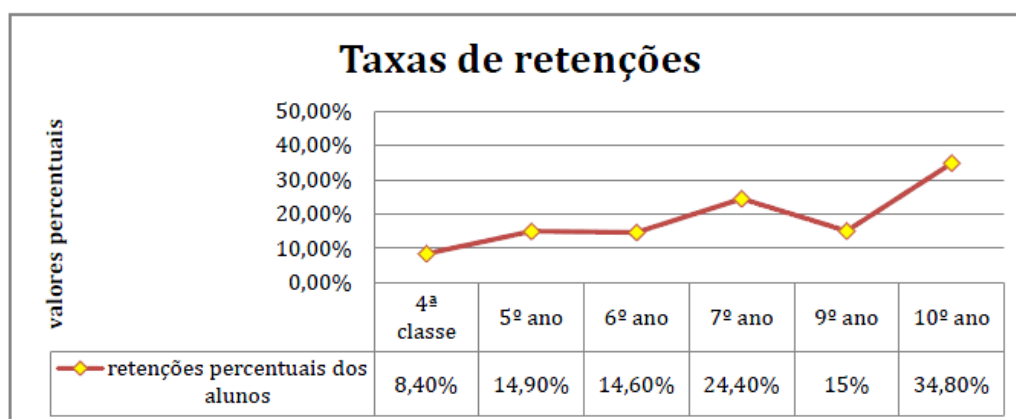
2.8 - Onde se verifica maior Insucesso Escolar

Ao longo dos nove anos de escolaridade obrigatória os períodos que correspondem à mudança entre ciclos são os mais atingidos no que toca à retenção.

Excepção feita ao 1º ano do 1º Ciclo em que não pode haver retenção.

Assim, o 2º, o 5º, e o 7º ano correspondem aos anos mais críticos e evidenciam as dificuldades dos alunos após a passagem de ciclo. "Estes dados podem significar uma desarticulação entre os diferentes ciclos, com patamares de claramente desnivelados e eventuais problemas de desadequação após a transição". (Ministério da Educação). Segundo a informação apresentada pelo Ministério da Educação em 2003, verifica-se uma discrepância quanto aos valores de insucesso escolar aquando da passagem de um ciclo para o outro tal como se pode verificar na tabela seguinte.

Gráfico 1: Taxas de retenções de 2003



Se no fim do 1º ciclo do Ensino Básico (4º ano) chumbam 8,4 %, no 5º ano chumbam 14,9%; no 6º ano, fim do 2º ciclo, chumbam 14,6% e no 7ºano, início do terceiro ciclo do Ensino Básico, chumbam 24,4%; se no 9º ano ficam retidos 15%, no início do Ensino Secundário, no 10º ano, chumbam 34,8%.

O que ressalta com evidência destas percentagens é a falta de aferimento e de diálogo entre as escolas (ou ciclos) que passam os seus alunos de um estabelecimento ou de um ciclo para o outro.

Segundo Cortesão e Torres (1990), é fácil dizer que os alunos não estudam, que vêm mal preparados ou que não se interessam.

3 - METODOLOGIA

3.1 - Metodologia

Ao longo do estudo será descrito todos os passos metodológicos efectuados na pesquisa realizada. Descrevendo-se a amostra, os processos e os instrumentos de recolha dos dados utilizados, as condições em que decorreram a entrega, a recolha dos questionários, bem como, o método utilizado no tratamento estatístico.

3.2 - Caracterização da Amostra

A amostra deste estudo foi constituída por 28 alunos da escola x da turma y sendo 13 do género feminino e 15 masculino.

3.3 - Instrumentos

Os instrumentos a utilizar em todo este trabalho:

- 28 Inquéritos;

3.4 - Técnicas

Após a recolha de todos os inquéritos devidamente preenchidos foram introduzidos os dados recolhidos no programa Microsoft Office Excel 2007, onde foi utilizada uma metodologia de análise, utilizando os gráficos, que permitiram o tratamento e discussão dos resultados, e por último retirar as conclusões.

3.5 - Procedimentos

A informação foi adquirida através de inquéritos sobre “As Causas de Sucesso e Factores de Abandono” realizados no ano lectivo 2008/2009 em diversas Universidades de norte do país e também nas ilhas (Açores e Madeira). A nossa recolha provém de um estudo produzido pelos alunos estagiários de Educação Física, da Universidade de Trás-

os-Montes e Alto Douro, no âmbito de Acções de Formação sobre Factores de (In)Sucesso Escolar ao qual foram seleccionados apenas alguns inquéritos (Anexo1) para tratamento de dados e a sua posterior discussão.

Escolhemos 28 inquéritos (anexo 1) referentes a alunos do 8º ano de uma escola do concelho de Vila Real.

Mediante o inquérito, optamos por seleccionar apenas vinte e duas perguntas relativas à temática insucesso escolar correlacionadas com a nossa pesquisa bibliográfica.

Todo este inquérito é de carácter anónimo, com resposta fechada. Para cada motivo os alunos tinham que assinalar de 1 a 5 o valor que este representava, correspondendo 1 a “*Nada importante*”, 2 a “*Pouco Importante*”, 3 a “*Indiferente*”, 4 a “*Algo Importante*” e 5 a “*Muito Importante*”

Os valores estipulados pelo inquérito foram depois convertidos em 3 valores que correspondem ao sentimento do aluno face à questão. Os valores 1 e 2 equivalem a “*Pouco Importante*”, 3 a “*Indiferente*” e 4 e 5 a “*Importante*”.

Os dados foram introduzidos numa folha de cálculo do Microsoft Office Excel 2007. Inicialmente decidimos fazer o tratamento de forma global separando posteriormente os rapazes das raparigas para uma análise mais concisa. O tratamento dos dados foi descrito em tabela, em forma de percentagem e depois convertido para gráfico.

3.6 - Tratamento de Dados

Para o tratamento de dados foi utilizado:

- 1 Computador;
- Programa Microsoft Office Excel 2007
- Programa Microsoft Office Word 2007

4 - APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

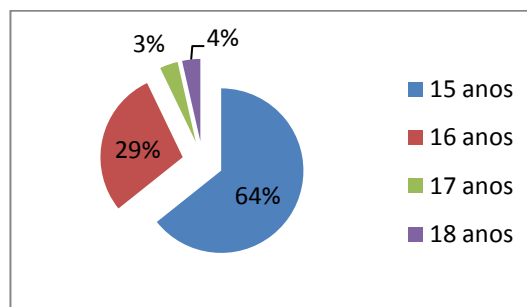
4.1 - Apresentação e discussão dos resultados

Os inquéritos foram realizados por 28 alunos do 8º ano, sendo 13 do sexo masculino e 15 do sexo feminino. As idades estão compreendidas entre os 15 e 18 anos sendo os 15 anos a faixa etária predominante.

Tabela 1 – Amostra

Alunos do 8º ano	Género	
	Masculino	Feminino
	13	15
Total	28	

Gráfico 2 - Idade



Os motivos analisados no nosso inquérito foram:

Tabela 2 – Causas de (In) Sucesso Escolar

Causas de (In) Sucesso escolar
Motivos
1- Ajuda por parte da escola na preparação para os exames
2- Disponibilidade de tempo e apoio familiar para estudar
3- Disponibilidade económica e de material adequado para estudar
4- Estudo acompanhado (pais, colegas, professores, explicadores)
5- Percepção de dificuldades de aprendizagem (auto-conceito de capacidade)
6- Responsabilização e percepção do aluno da importância dos estudos
7- Responsabilização e percepção dos pais do aluno da importância dos estudos do filho
8- Expectativas pessoais em relação ao rendimento académico ou em relação às notas
9- Estabilidade emocional e afectiva, satisfação com a vida e equilíbrio de felicidade
10- Estilo de vida saudável nas horas de sono, alimentação e consumo de substâncias
11- Organização e articulação do horário escolar, tempos livres e tempo de estudo diário
12- Nível de exigência por parte dos professores
13- Acompanhamento e apoio dos professores
14- Estratégias de ensino e de aprendizagem adequados ao nível dos alunos
15- Interesse e motivação dos professores na aprendizagem dos alunos
16- Preparação académica dos professores
17- Motivação dos alunos para aprender
18- Definição de objectivos para o futuro (dos alunos e dos pais)
19- Percepção da importância dos estudos para o futuro
20- Equilíbrio da estrutura familiar
21- Articulação entre a matéria de ensino e a realidade da vida
22- Aplicabilidade das aprendizagens em profissões futuras

Gráfico 3 – Valores relativos às repostas dos alunos

■ Pouco Importante ■ Indiferente ■ Muito Importante

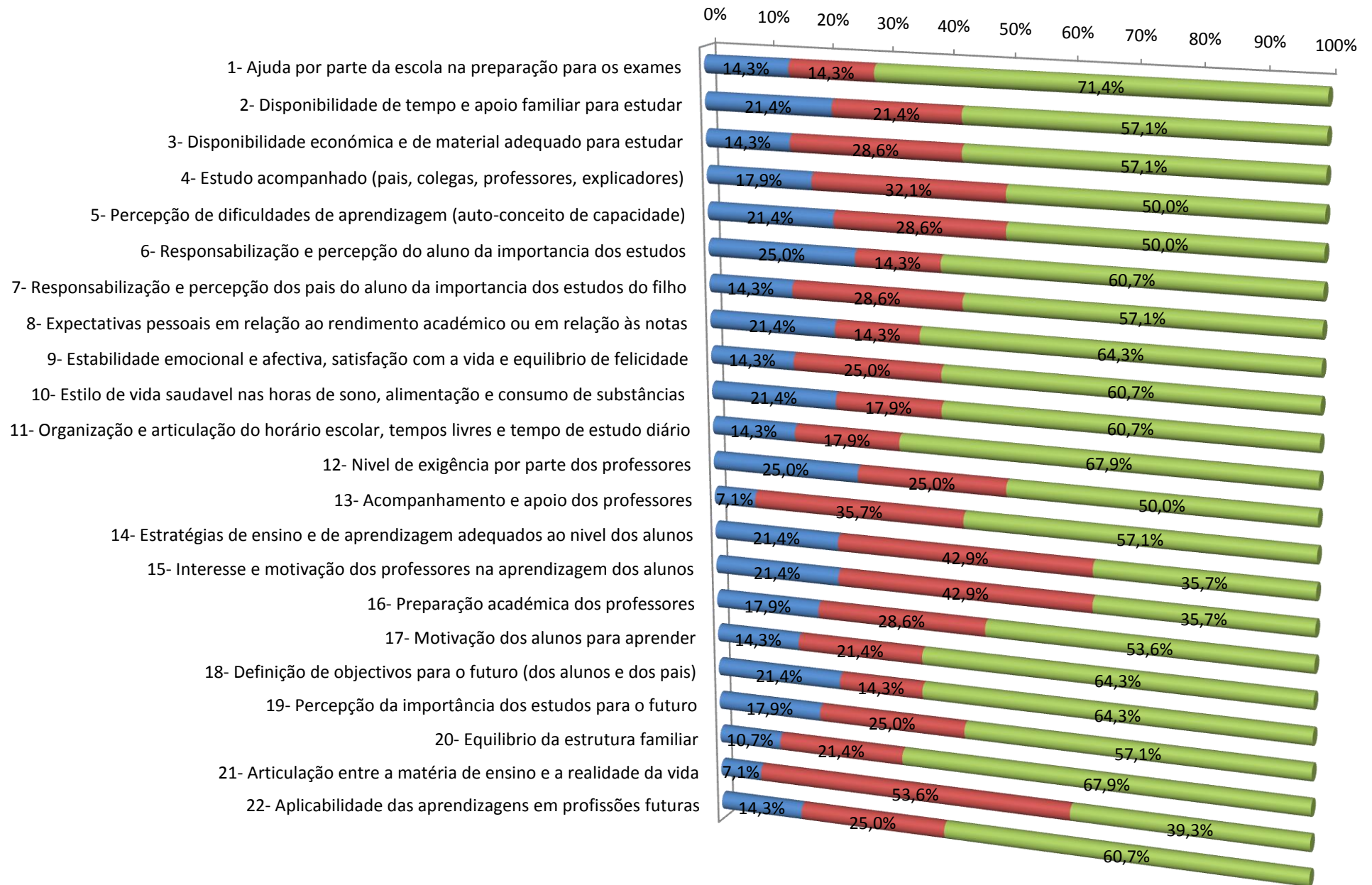


Gráfico 4 – Valores relativos às repostas dos alunos do sexo feminino
 Pouco Importante Indiferente Muito Importante

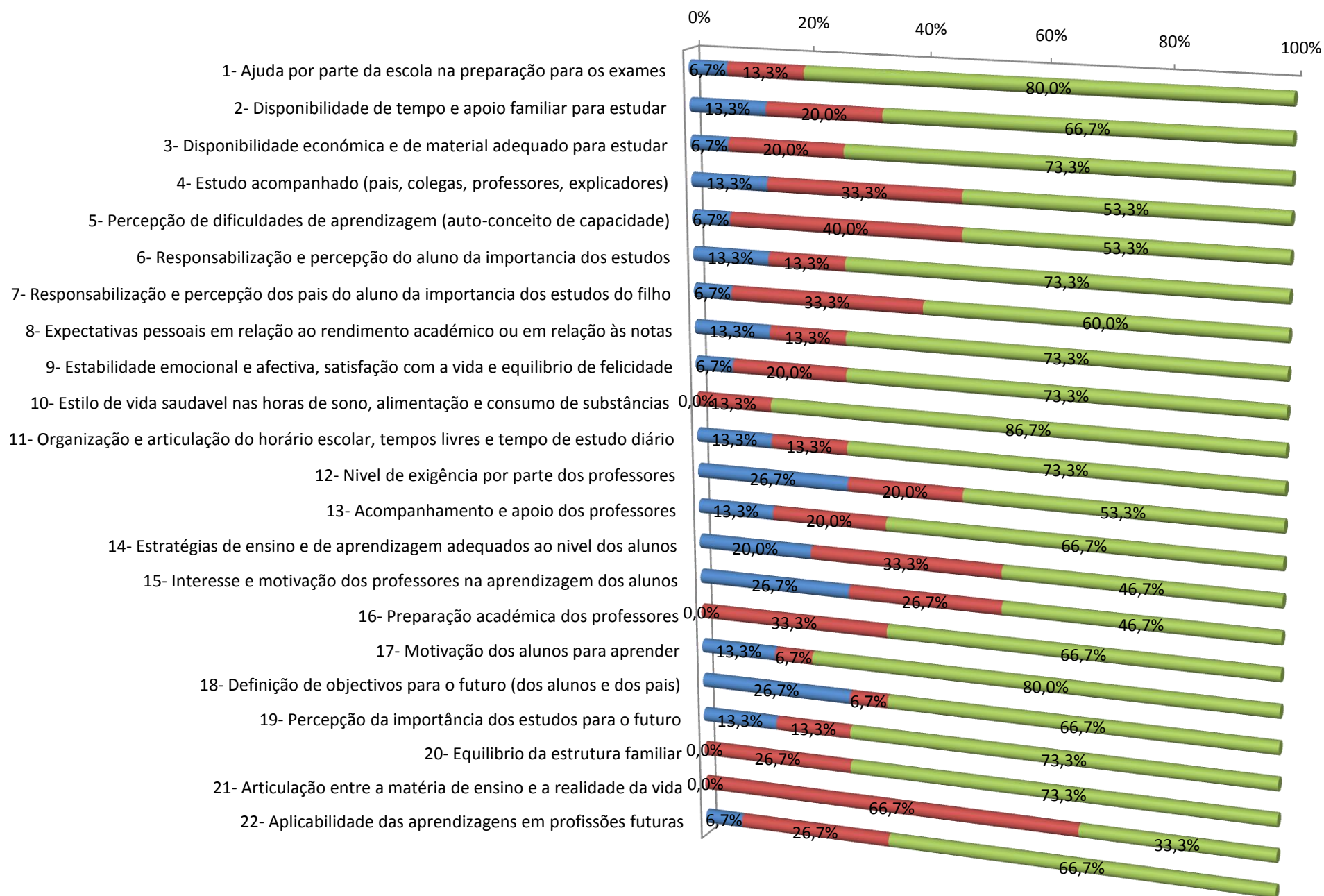
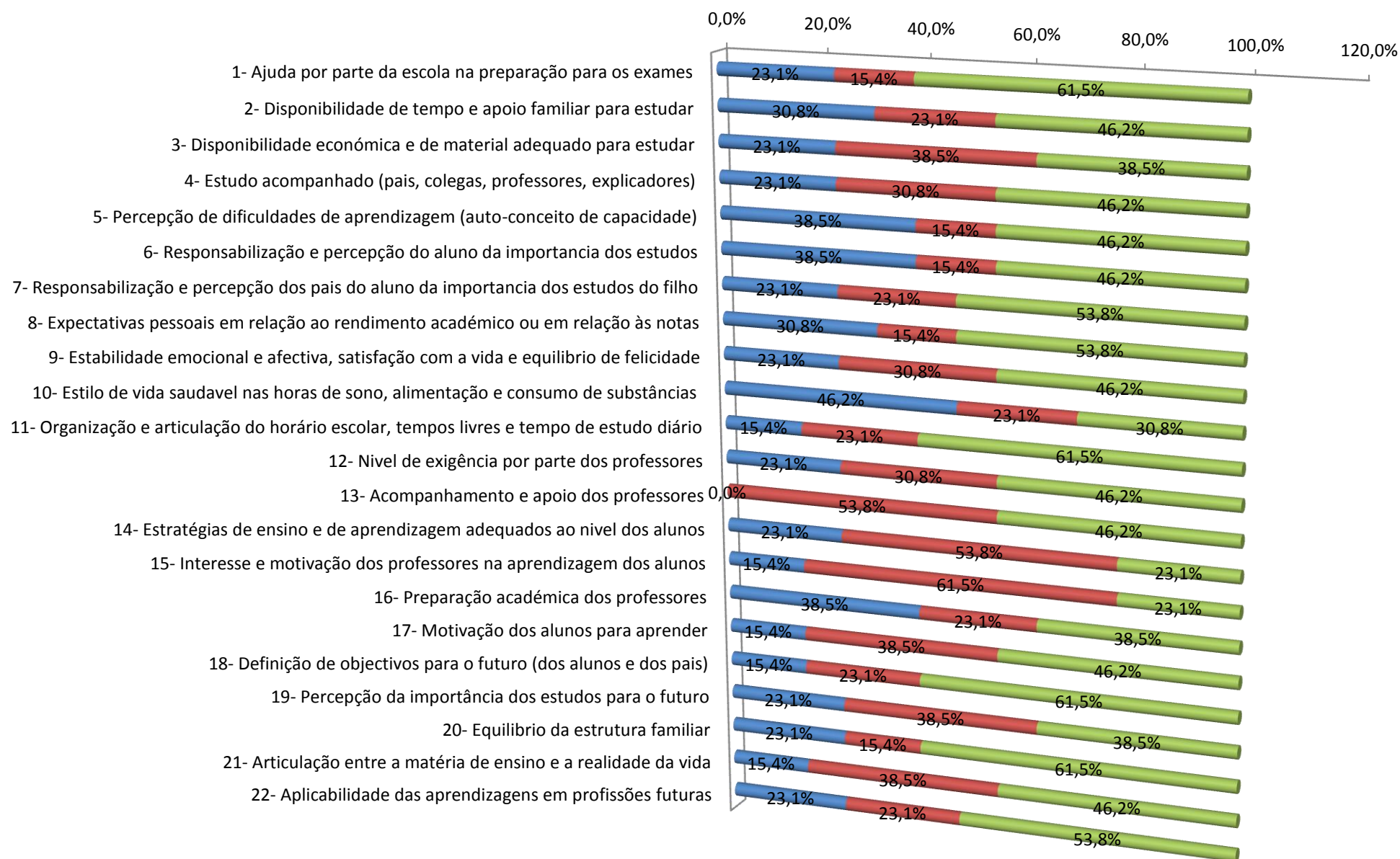


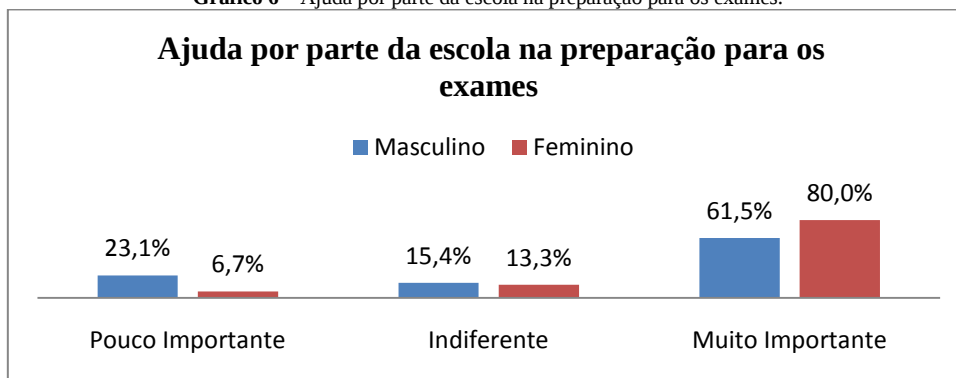
Gráfico 5 – Valores relativos às respostas dos alunos do sexo masculino

■ Pouco Importante ■ Indiferente ■ Muito Importante



1- Ajuda por parte da escola na preparação para os exames

Gráfico 6 – Ajuda por parte da escola na preparação para os exames.

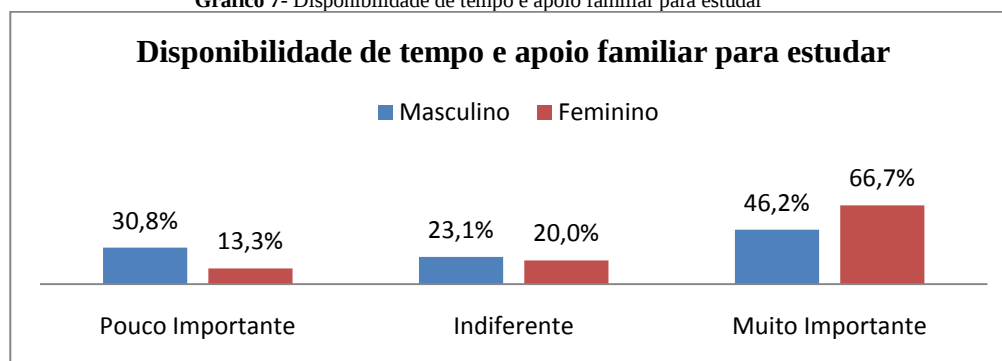


De acordo com os inquéritos o primeiro motivo foi “*Ajuda por parte da escola na preparação para os exames*” (Gráfico 6) ao que 80% das raparigas considerou um aspecto muito importante. Relativamente ao sexo masculino este aspecto não assume a mesma importância pois só 61,5% destes é que o consideram muito importante.

De facto a ajuda por parte da escola na preparação para os exames é um aspecto importantíssimo na medida em que transmite aos alunos além de todo o conhecimento empírico das respectivas matérias, uma mensagem de preocupação com o sucesso dos mesmos. Esta era uma lacuna existente no nosso ensino que tem vindo a ser colmatada com a abertura de salas de estudo com horário extracurricular, permitindo assim uma evolução no rendimento escolar dos alunos. Porém e em virtude destas medidas tomadas surgem outros problemas. Nem todos os alunos têm o mesmo nível de conhecimento comprometendo assim a acção do professor. Face a isto há alunos que recorrem a explicações privadas todavia nem toda a gente consegue ter acesso devido a factores económicos.

2- Disponibilidade de tempo e apoio familiar para estudar

Gráfico 7- Disponibilidade de tempo e apoio familiar para estudar



Quanto ao segundo motivo “*Disponibilidade de tempo e apoio familiar para estudar*” (Gráfico 7) não foi tão conclusivo como o anterior, no entanto os dois géneros o consideram muito importante.

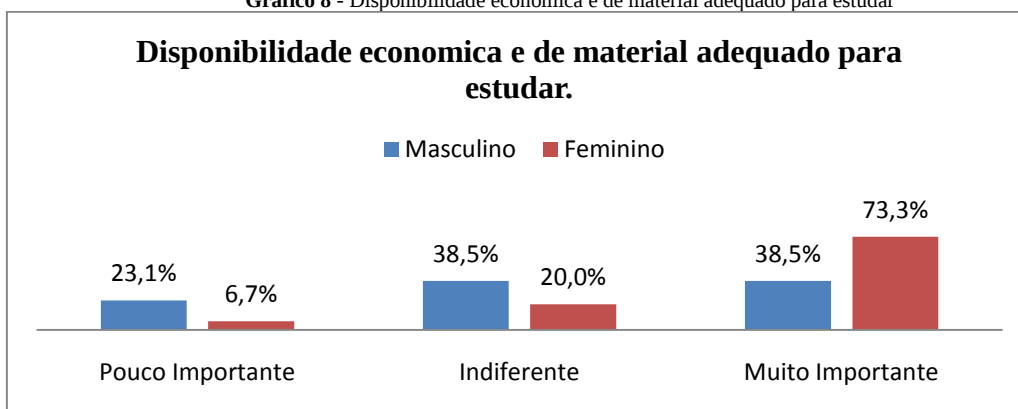
É ponto assente que uma estruturação familiar saudável é necessária para um desenvolvimento equilibrado da criança. Os pais, enquanto modelos, devem apresentar-se perante os filhos com uma conduta dignificante, o que algumas vezes não acontece. Um ambiente familiar tenso não permite à criança construir uma relação estável e madura.

Quando as crianças começam a frequentar a escola, muitos pais pensam e agem como se elas tivessem duas vidas distintas; por um lado, a vida familiar, pela qual os pais se sentem responsáveis, dirigindo-se à sua maneira; por outro lado, a vida escolar é dirigida pelos professores sem interferência familiar.

Esta perspectiva é incorrecta; deve existir uma interacção continua entre a escola e a família, pois as condições de aprendizagem são o espelho da situação familiar, assim como o comportamento da criança em casa, é expressão do que se passa na escola. Uma colaboração estreita entre pais e professores leva à criação da situação óptima para a educação das crianças.

3- Disponibilidade económica e de material adequado para estudar

Gráfico 8 - Disponibilidade económica e de material adequado para estudar

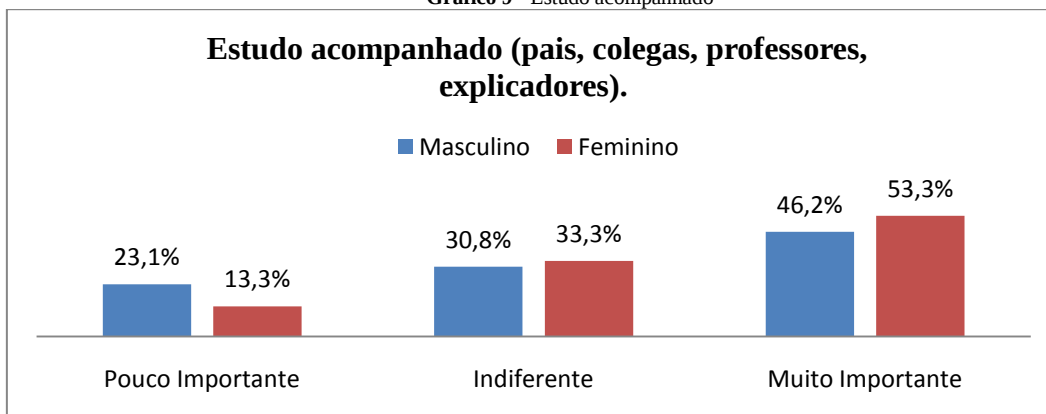


“Disponibilidade económica e de material adequado para estudar” (Gráfico 8) foi um motivo ao qual o sexo masculino não deu muita importância havendo mesmo empate no número de votos para o factor muito importante e o factor indiferente. Relativamente ao sexo feminino considerou um factor muito importante dado ao número de votos conquistado.

De facto, este é um aspecto importante no sentido em que é preciso criar boas condições aos alunos para podermos maximizar o sucesso escolar e quando uma família não tem as condições económicas para tal, cabe a entidade competente proporcionar tais condições.

4- Estudo acompanhado

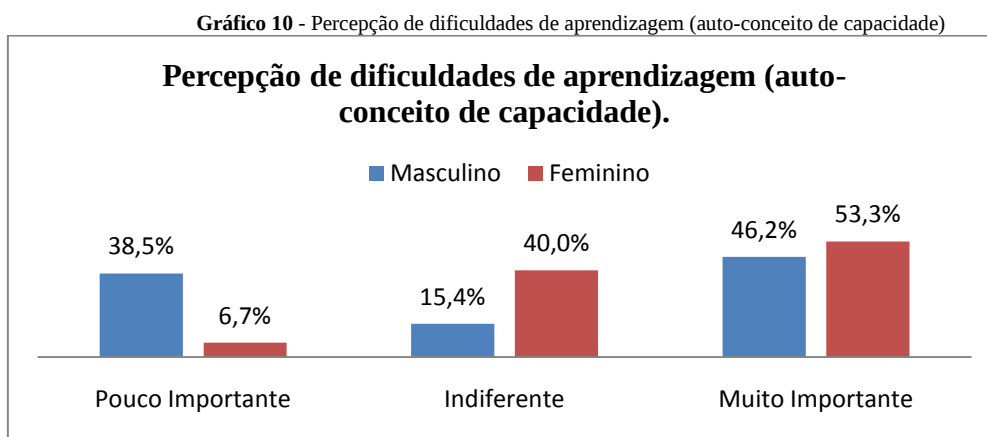
Gráfico 9 - Estudo acompanhado



“*Estudo acompanhado*” (gráfico 9) é um factor considerado muito importante para ambos os géneros como podemos visualizar. O acompanhamento dos pais colegas professores ou explicadores é importante para o esclarecimento de dúvidas que possam existir mas também é uma forma de adquirir conhecimentos para além do que foi abordado nas aulas. Porém há pais que não tem qualificações necessárias para acompanhar os estudos dos filhos nem condições financeiras para contratar explicadores, tornando-se este tipo de apoio de difícil acesso a famílias carenciadas.

A ajuda entre colegas é um factor extra como motivação entre eles, e pode servir como forma de potenciar o sucesso escolar.

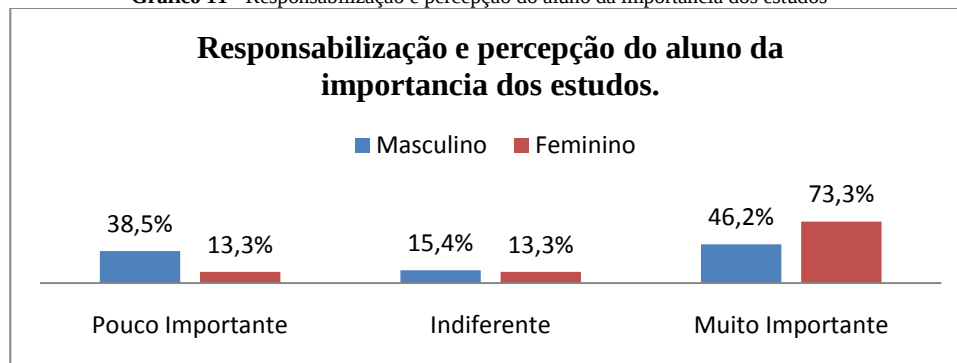
5- Percepção de dificuldades de aprendizagem (auto-conceito de capacidade)



Quanto ao motivo “*Percepção de dificuldades de aprendizagem (auto-conceito de capacidade)*” (gráfico 10) podemos afirmar que o sexo feminino atribui mais importância do que o sexo masculino, com 53,3% dos votos contra 46,2%. É de extrema importância os alunos terem a percepção de dificuldades de aprendizagem pois assim sabem se o seu método de estudo resulta e se não resulta qual o adequado a usar.

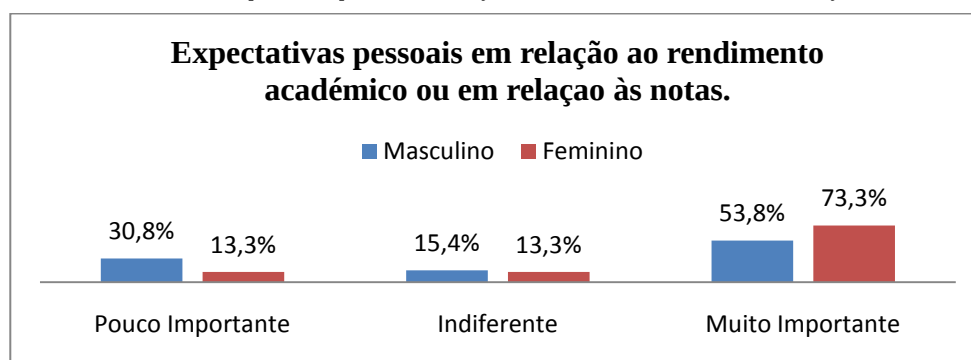
6- Responsabilização e percepção do aluno da importância dos estudos & 8- Expectativas pessoais em relação ao rendimento acadêmico ou em relação às notas

Gráfico 11 - Responsabilização e percepção do aluno da importância dos estudos



“Responsabilização e percepção do aluno da importância dos estudos” (gráfico 11) é um motivo ao qual 73,3% do sexo feminino o considera muito importante, 13,3% indiferente assim como pouco importante. Relativamente ao sexo masculino os votos são mais equilibrados dado que 46,2% o considera muito importante, 15,4% indiferente e 38,5% pouco importante.

Gráfico 12- Expectativas pessoais em relação ao rendimento académico ou em relação às notas.

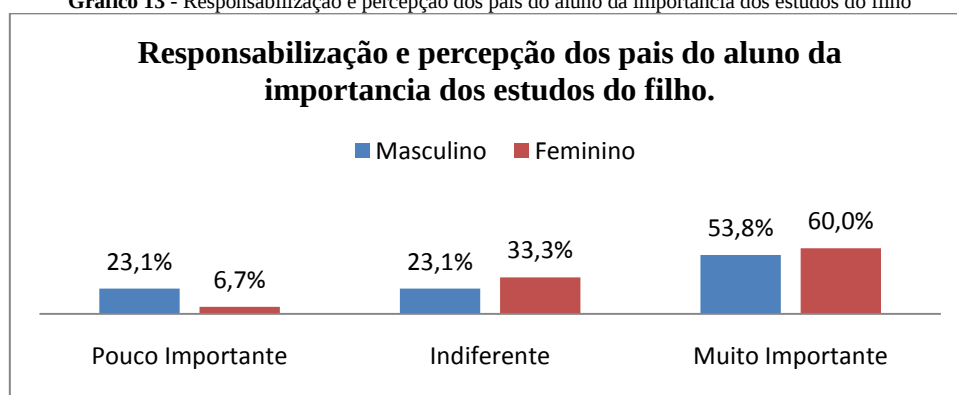


“Expectativas pessoais em relação ao rendimento académico ou em relação às notas” (gráfico 12) apresenta 73,3% dos votos, do sexo feminino, como motivo muito importante, 13,3% como indiferente e pouco importante. Quanto ao sexo masculino 53,8% consideram um motivo muito importante, 15,4% apontam para indiferente e 30,8% pouco importante.

As expectativas pessoais do aluno estão dependentes da sua auto-eficácia, centrado na avaliação daquilo que é capaz de fazer com as capacidades e competências que possuem. A responsabilização do aluno acerca da importância dos seus estudos correlacionado com as suas expectativas elevadas do rendimento académico leva a uma taxa elevada de sucesso escolar.

7- Responsabilização e percepção dos pais do aluno da importância dos estudos do filho

Gráfico 13 - Responsabilização e percepção dos pais do aluno da importância dos estudos do filho



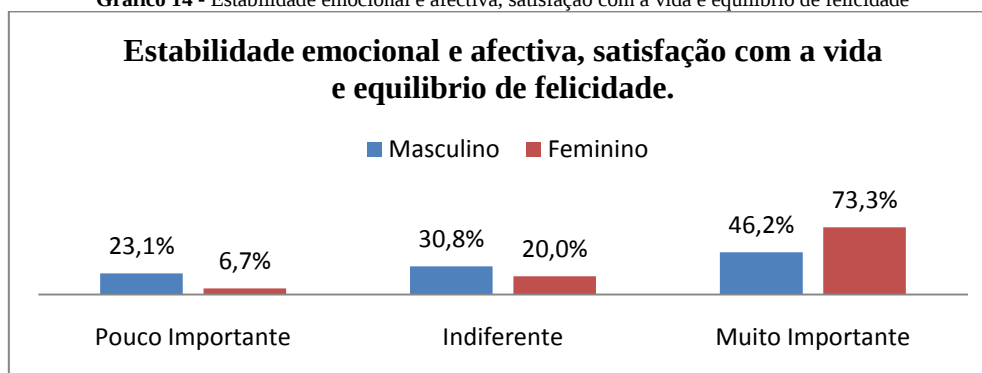
Estudos têm demonstrado os efeitos da importância da participação dos pais na escola para o desempenho escolar, mas a participação dos pais não deve ser vista como aquela que assegura o bom desempenho. O desenvolvimento escolar do aluno é um processo que se desenvolve na escola e com influência da família; não depende exclusivamente da família. A escola tem suas funções específicas que devem ser enfatizadas para que não se perpetue o discurso ideológico de que o desempenho depende da forma da família agir no contexto escolar do filho. Segundo Sankar-DeLeeuw (2002), incluem-se no processo de aprendizagem escolar os direitos e responsabilidades da escola bem como os de planeamento para as necessidades individuais exigidos pela escola, como benéficos para o rendimento escolar do aluno.

Autores como Allen e Fraser (2002) relatam que a presença dos pais na vida escolar é importante tanto para os alunos quanto para a escola. Por isso, é importante o vínculo da família com a escola, pois, segundo esses autores, é nas reuniões que são dadas as informações aos pais, para que estes fiquem conscientes de sua importância para o desempenho escolar dos seus filhos, conheçam sobre desenvolvimento e

comportamentos de crianças e co-assumam responsabilidades em relação às actividades propostas pela escola. Para estes autores, os pais, quando percebem um ambiente de aprendizagem mais favorável, desenvolvem confiança em relação à escola, na medida em que verificam preocupação por parte escola com a educação de seus filhos.

9- Estabilidade emocional e afectiva, satisfação com a vida e equilíbrio de felicidade.

Gráfico 14 - Estabilidade emocional e afectiva, satisfação com a vida e equilíbrio de felicidade

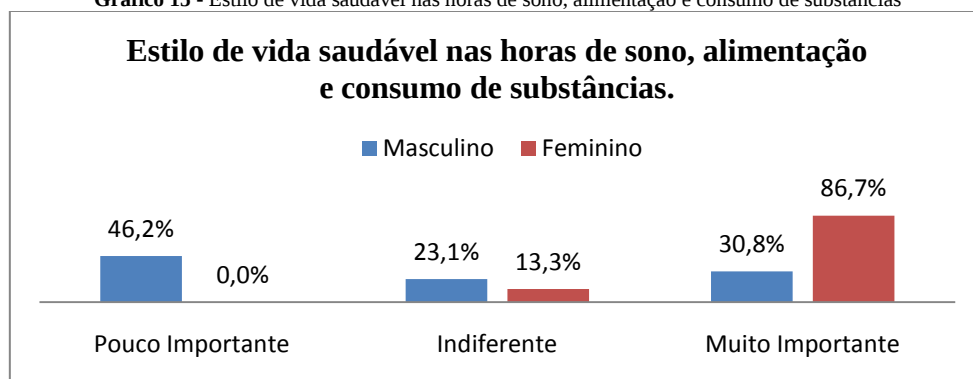


Quanto ao motivo “*Estabilidade emocional e afectiva, satisfação com a vida e equilíbrio de felicidade*” (gráfico 14), 73,3% dos votos do sexo feminino consideraram este motivo como muito importante. Por sua vez no sexo masculino não há uma unanimidade pois só 46,2% o distinguem como factor muito importante.

A educação centra-se sobretudo no desempenho dos jovens, nos seus resultados quantificáveis, na aquisição de conhecimentos e competências que os preparam para o mundo do trabalho e não tanto na aquisição de uma experiência de vida. A ideia de que a escola poderia contribuir para um crescimento emocional não é respeitada num contexto em que se dá primazia ao desempenho e às boas qualificações. Deste modo, frequentemente, os problemas relacionados com os estudos (o insucesso) tornam-se um meio pelo qual os jovens expressam o seu desconforto emocional.

10- Estilo de vida saudável nas horas de sono, alimentação e consumo de substâncias.

Gráfico 15 - Estilo de vida saudável nas horas de sono, alimentação e consumo de substâncias



“*Estilo de vida saudável nas horas de sono, alimentação e consumo de substâncias*” (gráfico 15) identifica pensamentos divergentes em relação aos géneros. Quanto sexo feminino 86,7% dos inquiridos considera um motivo muito importante, 13,3% indiferente e 0% pouco importante. No sexo masculino 30,8% identifica como factor muito importante, 23,1% indiferente e 46,2% pouco importante.

O estabelecimento de hábitos ajustados nas horas de deitar e levantar é tarefa importante para que uma criança se desenvolva normalmente.

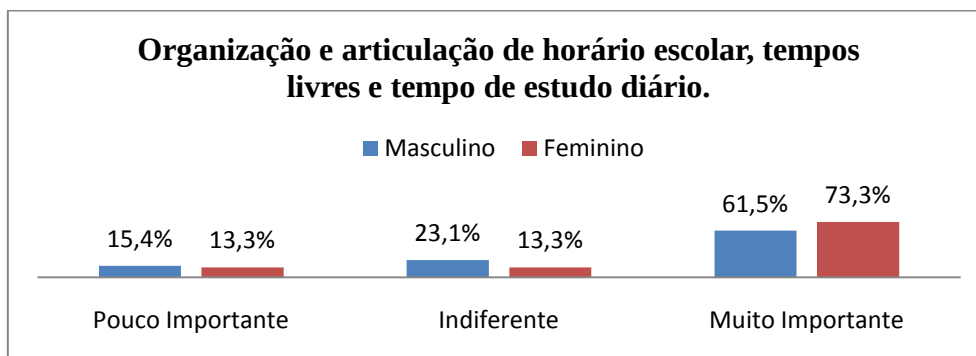
A má gestão do tempo, mesmo na idade adulta, passam muitas vezes por esses hábitos (ou ausência deles) e que se reflectem na qualidade do trabalho produzido. Numa criança, a não consideração destes aspectos poderá reflectir-se, para além de um trabalho escolar deficiente, em distúrbios fisiológicos e psicológicos, de que a falta de atenção, a má percepção, a apatia e a irritação são exemplos.

Uma vigilância sobre a alimentação do aluno poderá contribuir para lhe proporcionar uma dieta mais diversificada e que contenha os elementos plásticos, energéticos, vitamínicos e celulósicos minimamente adequados a um desenvolvimento físico e intelectual regular

Relativamente ao consumo de substâncias como drogas ou álcool é muito importante que os pais ou professores enquanto educadores informem os adolescentes dos perigos que isso acarreta.

11- Organização e articulação de horário escolar, tempos livres e tempo de estudo diário.

Gráfico 16 - Organização e articulação de horário escolar, tempos livres e tempo de estudo diário

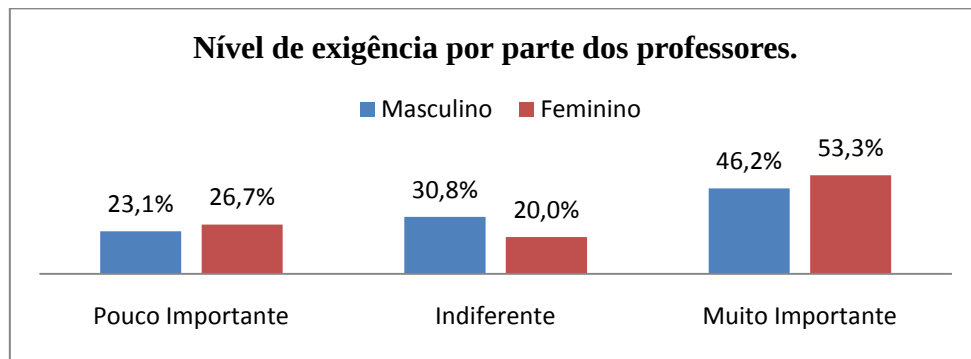


“Organização e articulação de horário escolar, tempos livres e tempo de estudo diário” (gráfico 16) foi identificado de forma similar entre os dois géneros como um motivo muito importante, com 61,5% dos votos por parte do sexo masculino e 73,3% dos votos por parte do sexo feminino.

O horário escolar tem vindo a sofrer alterações nos últimos tempo, cada vez mais os alunos passam mais tempo na escola com actividades de enriquecimento curricular. Os docentes estão mais tempo ao serviço dos alunos tendo em vista uma optimização do sucesso escolar. Porem o horário de tempo de estudo diário das disciplinas curriculares diminui pois apenas é possível quando os alunos chegam a casa ao final do dia. Normalmente esse estudo é feito depois do jantar podendo prejudicar horas de sono ate. Cabe aos alunos conseguir conciliar o horário escolar tempos livres e estudo diário da melhor maneira possível.

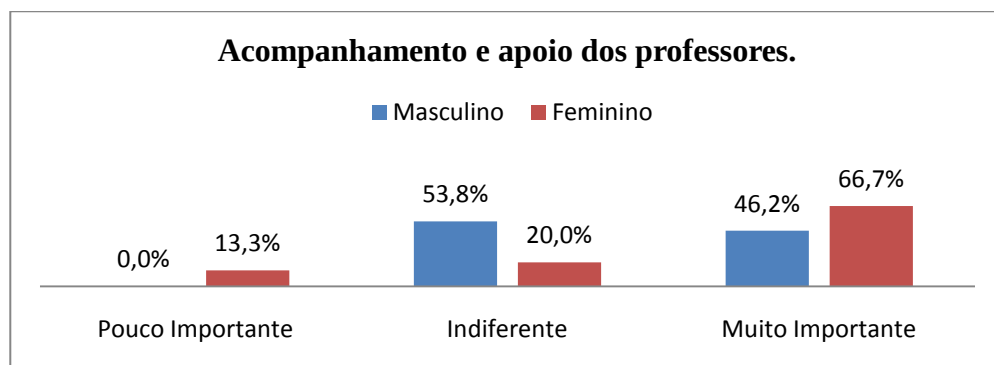
12- Nível de exigência por parte dos professores; 13- Acompanhamento e apoio dos professores; 14- Estratégias de ensino e de aprendizagem adequadas ao nível dos alunos; 15- Interesse e motivação dos professores na aprendizagem dos alunos & 16- Preparação académica dos professores.

Gráfico 17 - Nível de exigência por parte dos professores



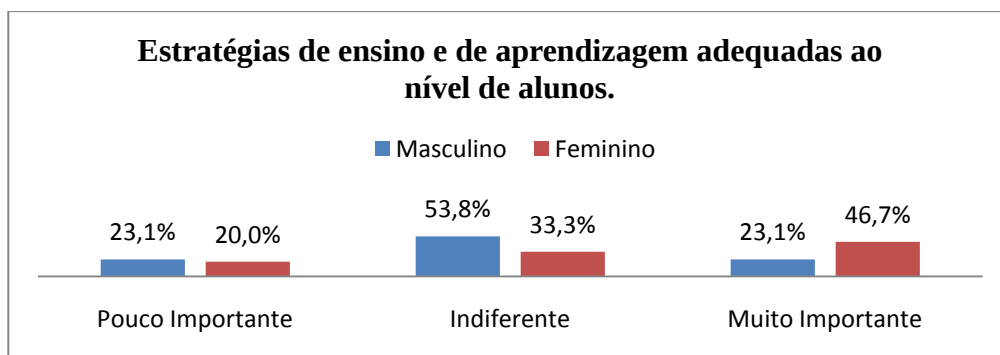
“Nível de exigência por parte dos professores” (gráfico 17) é outro motivo em que não há consenso dentro dos próprios géneros pois os votos estão bastantes repartidos. No sexo masculino 46,2% consideram-no muito importante, 30,8% indiferente e 23,1% pouco importante. O sexo feminino, 53,3% identifica-o como muito importante, 20% indiferente e 26,7% pouco importante.

Gráfico 18 - Acompanhamento e apoio dos professores



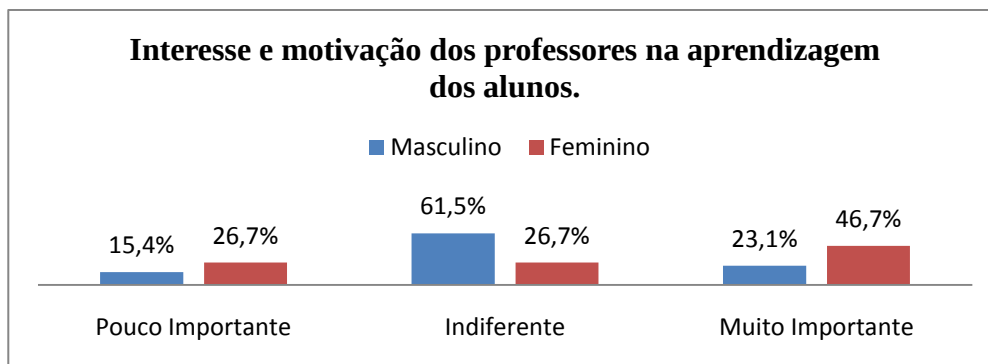
“Acompanhamento e apoio dos professores” (gráfico 18) é um motivo ao qual dos inquiridos do sexo masculino, 46,2% considera-o muito importante, 53,8% indiferente e 0% pouco importante. Relativamente ao sexo feminino 66,7% dos votos considera-o muito importante, 20% indiferente e 13,3% pouco importante.

Gráfico 19 - Estratégias de ensino e de aprendizagem adequadas ao nível dos alunos



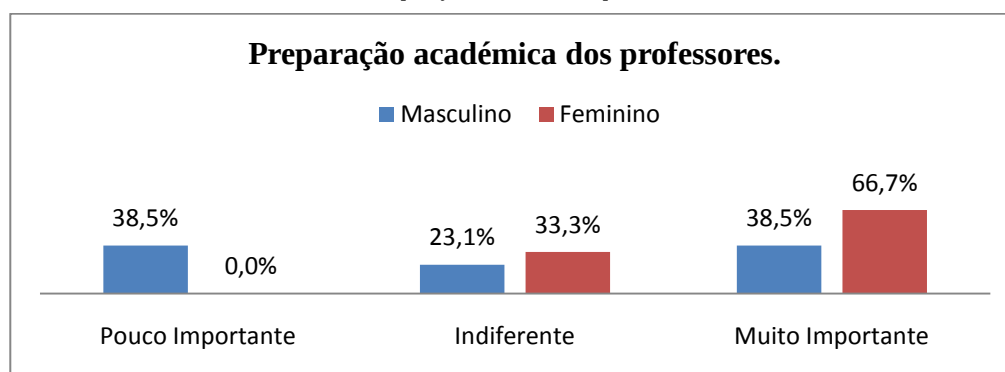
“Estratégias de ensino e de aprendizagem adequadas ao nível dos alunos” (gráfico 19) é um motivo ao qual 53,8% dos votos do sexo masculino considera-o indiferente, os restantes 46,2% estão repartidos pelo muito importante e pelo pouco importante. Quanto ao sexo feminino 46,7% dos inquiridos considera-o muito importante 33,3% indiferente e os restantes 20% pouco importante.

Gráfico 20 - Interesse e motivação dos professores na aprendizagem dos alunos



“Interesse e motivação dos professores na aprendizagem dos alunos” (gráfico 20) foi considerado por parte do sexo masculino como motivo de indiferença reunindo 61,5% dos votos, por outro lado 46,7% das preferências do sexo feminino foi para considerar este motivo como muito importante.

Gráfico 21 - Preparação académica dos professores



“*Preparação académica dos professores*” (gráfico 21) é um motivo em que não ficamos clarificados quanto a importância do mesmo para o sexo masculino pois 38,5% dos votos é para considerar o motivo pouco importante e muito importante, os restantes 23,1% consideram-no indiferente. Em relação ao sexo feminino há, por outro lado, uma clarificação da ideia pois 0% acha-o pouco importante, 33,3% indiferente e 66,7% muito importante.

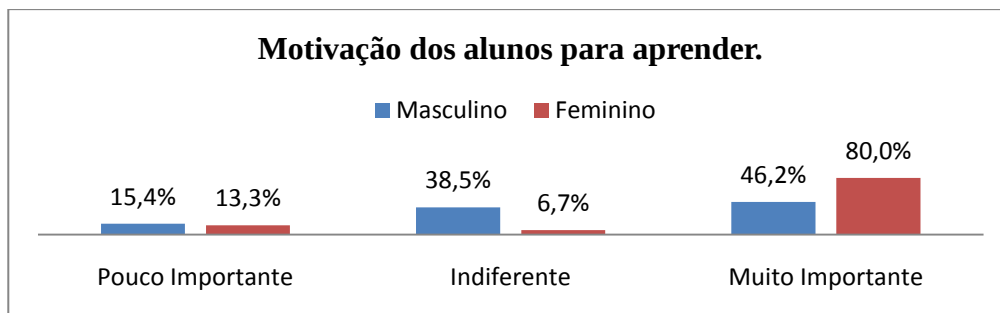
Existem factores associados ao professor que Almeida et al. (2005:3632) baseando-se em trabalhos anteriores (Almeida & Roazzi, 1988; Benavente, 1990) identifica como tendo impacto nas aprendizagens dos alunos. Dentro destes, temos as dificuldades na comunicação e no relacionamento interpessoal por parte do professor, dificuldades na organização das tarefas na sala de aula, ou problemas na gestão da disciplina da turma.

Os métodos de ensino, recursos didácticos, técnicas de comunicação inadequadas às características da turma ou de cada aluno, fazem parte igualmente de um vasto leque de causas que podem conduzir a uma deficiente relação pedagógica e influencia negativamente os resultados.

Outro aspecto importante é a motivação com que o professor lecciona pois essa motivação vai transparecer aos alunos o que pode fomentar a uma motivação extra para eles.

17- Motivação dos alunos para aprender

Gráfico 22 - Motivação dos alunos para aprender



“*Motivação dos alunos para aprender*” (gráfico 22) é um motivo esclarecedor para o sexo feminino pois 80% dos inquiridos consideram-no muito importante. O sexo masculino também o considera muito importante com 46,2% dos votos.

A motivação é tida como um elemento essencial na utilização dos recursos do sujeito, de forma a se atingir um objectivo. Destas características parece resultar a justificação do valor que é atribuído à motivação na aprendizagem escolar. Por essa razão, BALANCHO e COELHO afirmam que “pela motivação, consegue-se que o aluno encontre motivos para aprender, para se aperfeiçoar e para descobrir e rentabilizar capacidades.” (1996, p. 17).

Com efeito, a motivação tem grande importância no desempenho académico dos alunos e na adaptação total às exigências do ambiente escolar. Por isso, nos tempos de hoje, mais do que nunca, é preciso ensinar com vocação e imaginação. Gostar de ensinar é, acima de tudo, criar laços com os alunos, ser criativo, estimular e motivar. A ligação emocional estabelecida entre um professor e uma turma faz-se, exactamente, a partir do primeiro momento, das primeiras palavras proferidas. É no contacto inicial que captamos e retemos a boa vontade dos alunos e criamos empatia. Porém e como afirmam SILVA, A. e SÁ, I., “a aprendizagem escolar é fruto da intervenção de muitos factores: uns extrínsecos, como as condições socioeconómicas, os métodos de ensino, os modelos educativos parentais, etc.; outros, intrínsecos, como o nível intelectual, as capacidades sensoriais, o estilo pessoal, etc.. Uns e outros interagem e influenciam diferenciadamente a aprendizagem.” (1993, p. 73). Apesar de tudo, os estados afectivos e motivacionais têm sido reconhecidos como importantes factores que afectam o

(in)sucesso escolar, pois, se interviermos ao nível dos processos de aprendizagem, aumentaremos, fortemente, a probabilidade de sucesso.

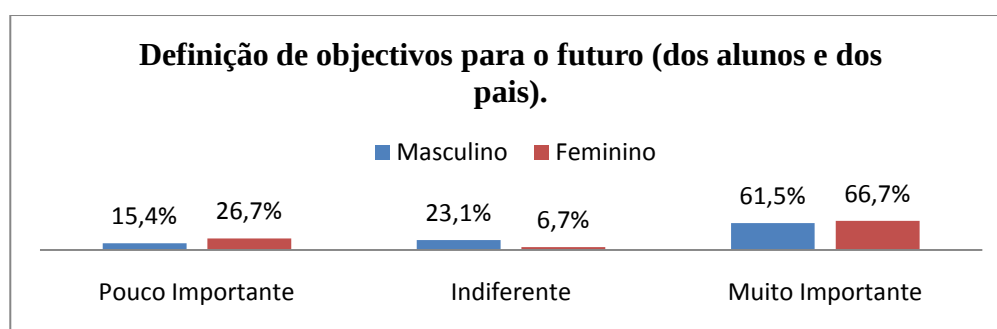
Quando estamos motivados face a uma determinada actividade, a nossa persistência aumenta, bem como o tempo, a determinação e a energia que dedicamos a essa actividade, mesmo quando encontramos dificuldades e obstáculos.

E se é certo que a motivação evolui com o nível escolar e com a idade, não é menos verdade que uma pessoa motivada é uma pessoa com uma atenção selectiva, uma vez que a aprendizagem só se verifica para situações que forem escolhidas por si e para as quais utilize estratégias, visto que a capacidade do indivíduo para registar, processar e memorizar é limitada.

Nessa medida, em contexto escolar, independentemente das dificuldades ou dos recursos disponíveis, será, porventura, a motivação, o melhor “instrumento” de que os docentes dispõem para alcançar o seu principal objectivo: o sucesso escolar dos seus alunos.

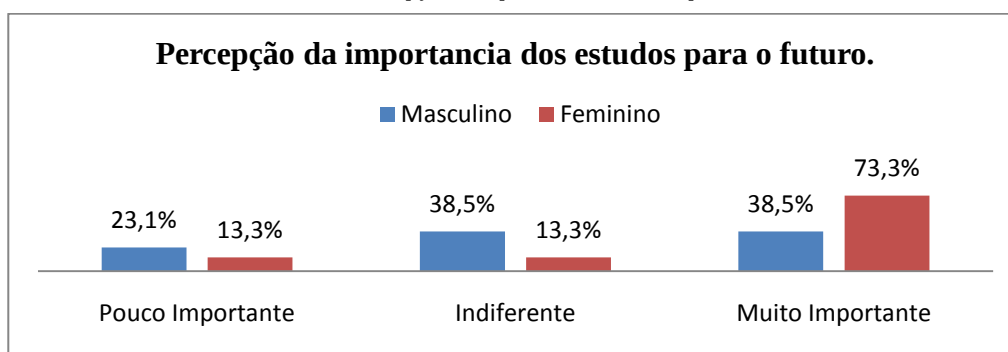
18- Definição de objectivos para o futuro (dos alunos e dos pais). & 19- Percepção da importância dos estudos para o futuro.

Gráfico 23- Definição de objectivos para o futuro (dos alunos e dos pais)



“*Definição de objectivos para o futuro (dos alunos e dos pais)* ” (gráfico 23) é um motivo em que ambos os géneros estão em consonância pois 61,5% dos votos do sexo masculino e 66,7% dos votos do sexo feminino consideram-no como factor muito importante.

Gráfico 24 - Percepção da importância dos estudos para o futuro.



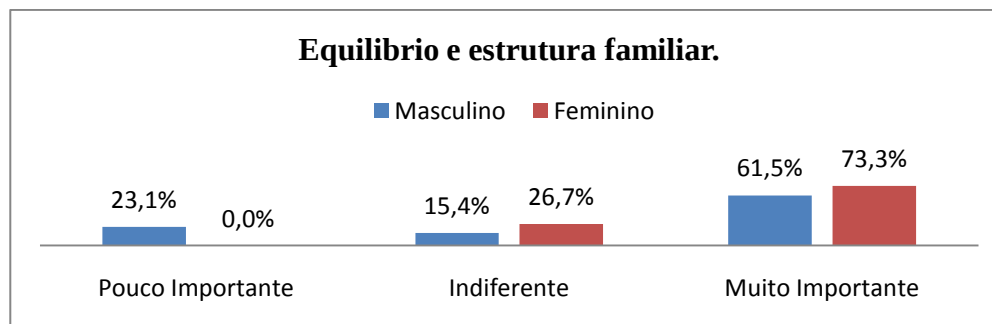
“Percepção da importância dos estudos para o futuro” (gráfico 24) é um motivo ao qual 73,3% dos inquiridos do sexo feminino assume como muito importante, por outro lado o sexo masculino não assume um grau de importância tanto a indiferença como o muito importante recolhem o mesmo número percentual de votos, 38,5.

Hoje em dia é muito importante ter estudos, ter pelo menos uma formação básica e necessária para se ter um bom emprego, entrar em uma universidade, etc. Estudar é importante para obter conhecimento, cultura e muitos outros aspectos que se leva para a vida inteira, pois a vida é uma escola, onde aprendemos com coisas simples, momentos, e com o passar do dia-a-dia, nunca paramos de estudar e aprender.

A qualidade do estudo é que importa e não a quantidade, não vale a pena só estudar, tem que praticar o que aprendeu, e ensinar. Pois assim se podem realizar sonhos e ajudar outros a realizarem os sonhos deles. Quando esta ideia estiver bem assimilada pelos alunos eles poderão definir melhor os seus objectivos para o seu futuro, algo que o país já o tem feito, porem é importante ouvir a opinião do adolescente e não o forçar a seguir um rumo de vida que não lhes provoca interesse e consequentemente motivação.

20- Equilíbrio e estrutura familiar

Gráfico 25 - Equilíbrio e estrutura familiar



“*Equilíbrio e estrutura familiar*” (gráfico 25) é um motivo que mais uma vez os dois géneros estão de acordo pois consideram-no muito importante com 61,5% dos votos para o sexo masculino e 73,3% dos votos para o sexo feminino.

É consensual o reconhecimento do carácter essencial da implicação no processo educativo, e, por consequência, na luta contra o insucesso, da família.

Um dos problemas que está na base do insucesso escolar de muitas crianças é a descontinuidade entre a escola e a família. Quando não há comunicação entre estas duas partes fundamentais do mundo do aluno, quando a escola e a família estão de costas voltadas, quando a escola não valoriza nem respeita a cultura da família e da comunidade dos alunos, está aberto o caminho para o falhanço e o abandono escolares.

A família influencia a forma como qualquer criança reage ao ambiente escolar; os pais condicionam a compreensão que a criança tem da escola; aquela depende do tipo de pais, sua educação, da conduta da família, do desejo que tiveram ou não de ter filhos e do afecto que lhe souberam dar.

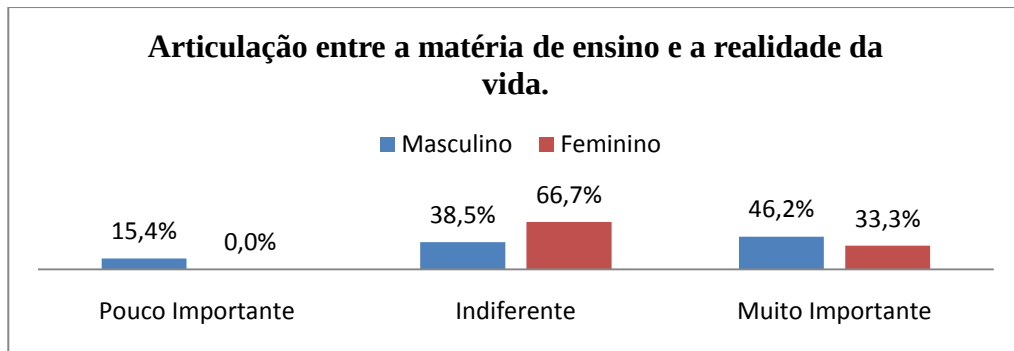
É ponto assente que uma estruturação familiar saudável é necessária para um desenvolvimento equilibrado da criança. Os pais, enquanto modelos, devem apresentar-se perante os filhos com uma conduta dignificante, o que algumas vezes não acontece. Um ambiente familiar tenso não permite à criança construir uma relação estável e madura.

Quando as crianças começam a frequentar a escola, muitos pais pensam e agem como se elas tivessem duas vidas distintas; por um lado, a vida familiar, pela qual os pais se sentem responsáveis, dirigindo-se à sua maneira; por outro lado, a vida escolar é dirigida pelos professores sem interferência familiar.

Esta perspectiva é incorrecta; deve existir uma interacção continua entre a escola e a família, pois as condições de aprendizagem são o espelho da situação familiar, assim como o comportamento da criança em casa, é expressão do que se passa na escola. Uma colaboração estreita entre pais e professores leva à criação da situação óptima para a educação das crianças.

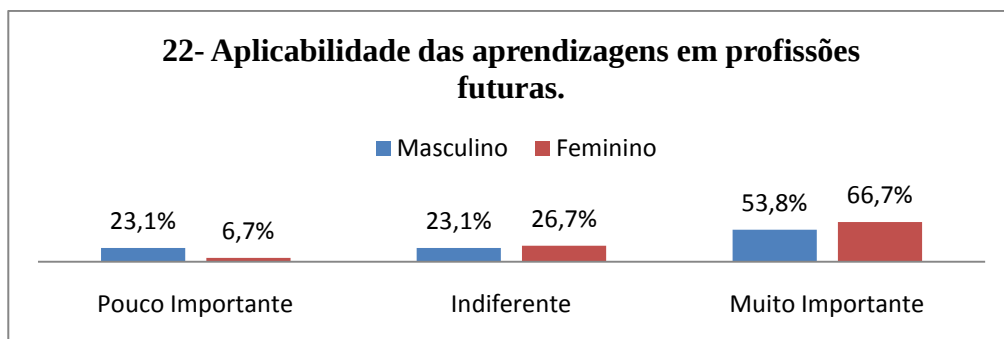
21- Articulação entre a matéria de ensino e a realidade da vida. & 22- Aplicabilidade das aprendizagens em profissões futuras.

Gráfico 26 - Articulação entre a matéria de ensino e a realidade da vida.



“Articulação entre a matéria de ensino e a realidade da vida” (gráfico 26) revelou-se como o primeiro factor em que o sexo feminino considera indiferente com 66,7% dos votos. O sexo masculino assume-o como muito importante com 46,2% dos votos.

Gráfico 27 - Aplicabilidade das aprendizagens em profissões futuras



Por ultimo a “*Aplicabilidade das aprendizagens em profissões futuras*” (gráfico 27) indica-nos que ambos os géneros concordam que é um motivo muito importante. O sexo masculino reúne 53,8% dos votos e o sexo feminino reúne por sua vez 66,7%.

A prática educativa, a vida quotidiana, as relações professor - aluno, os objectivos da educação, o trabalho docente, nossa percepção do aluno estão carregados de significados sociais que se constituem na dinâmica das relações entre classes, entre raças, entre grupos religiosos, entre homens e mulheres, jovens e adultos.

É preciso que o estudo se converta numa necessidade para o aluno e que seja um estímulo suficiente para canalizar a sua necessidade de actividade. Trata-se da conjugação de condições internas dos alunos e de condições externas expressas pelas exigências, expectativas e incentivo do professor. Mesmo que o professor estabeleça óptimos objectivos, seleccione conteúdos significativos e empregue uma variedade de métodos e técnicas, se não conseguir suscitar no aluno o desejo de aprender, nada disso funcionará, ou seja, o aluno empenha-se quando percebe a necessidade e importância do estudo, quando sente que esta progredindo, quando as tarefas escolares são satisfatórias.

Sendo assim é impossível atingir o sucesso escolar das crianças se as diferenças sociais, culturais, físicas, intelectuais, religiosas, morais não forem levadas em conta e principalmente, se tais diferenças não se tornam o ponto de partida para o trabalho escolar.

Quando o aluno sente a importância dos estudos, quando sente que está a progredir é porque percebe que a informação que lhe está a ser transmitida vai-lhe ser útil para o seu futuro o que por si só acaba por gerar motivação para aprender mais e fazer melhor.

4.2 - Discussão Geral do Estudo

4.2.1 - Situação de Portugal

A situação escolar em Portugal é constrangedora. Isto é confirmado a nível internacional pelo Estudo – PISA (Programme for International Student Assessment) da OCDE (Organisation for Economic Co – operation and Development) e pelos últimos dados estatísticos fornecidos pelo Ministério da Educação (GLASE) sobre o insucesso escolar em Portugal nos últimos nove anos.

Os resultados do Teste PISA, que compara o rendimento escolar dos alunos em 40 países, têm sido sucessivamente um testemunho a alto nível, da ineficiência do nosso sistema escolar.

Portugal ocupa na lista das nações estudadas um lugar baixíssimo. Dos 40 países investigados, os alunos portugueses encontram-se no 30º lugar em Matemática, 28º em Leitura e 32º em Ciências Naturais.

Dos valores apresentados pelo Ministério da Educação (GLASE) relativos ao período que vai de 1994 a 2003, a situação é gritante. Torna-se mais evidente atendendo aos destinos individuais não referidos. Assim, em 2003, do milhão e meio de estudantes do ensino básico e secundário que frequentavam as escolas portuguesas, 280.000 alunos reprovavam. A percentagem de retenção escolar no ensino básico até ao 9º ano foi constante (13%) nos 9 anos estudados.

A taxa de retenção e de desistência no ensino secundário (10.º ao 12.º) ainda foi maior, verificando-se uma média de 34,33 % relativa ao período de referência. Um em cada três alunos chumba. Em 2003 mesmo 43,5 % dos alunos do 12º não faziam todas as disciplinas, culminando o ensino tecnológico com 53,6 por cento de chumbos.

Ainda segundo informações do Ministério da Educação no ano transacto, Portugal detém os valores de analfabetismo fixados nos 9%, verificando - se que 35% dos jovens não ultrapassam o 1º ciclo de estudos. Sabe-se ainda que 13% e 11% detêm o 2º e 3º ciclo respectivamente. Isto é alarmante quando falamos de escolaridade obrigatória.

4.2.2 - Melhoria das condições = Aumento do Sucesso Escolar?

Na verdade, o sucesso dos alunos tem aumentado nas últimas décadas:

- No número de alunos matriculados na totalidade das escolas;
- No número de alunos que acedem ao ciclo de estudos seguintes;
- Na manutenção ou incremento dos valores mínimos (médias) de entrada em cursos universitários;
- Na quantidade de conhecimentos culturais dos alunos;
- Na qualidade das competências sociais que se podem exigir aos alunos.

No entanto e estranhamente, o insucesso dos alunos portugueses surge em ambientes com factores e condicionantes favoráveis. Na verdade, hoje existem níveis satisfatórios de *edifícios escolares, de materiais didácticos, de profissionais/trabalhadores da educação, de condições familiares e de apoios institucionais*.

O sucesso escolar é distinto do sucesso social e do sucesso individual. Mas o sucesso escolar favorece os outros dois sucessos.

Será então verdade que com a melhoria das condições aumentou o sucesso escolar?

Ao abordarmos este tópico verificamos que sim, que aumenta o sucesso escolar, e como exemplo disso temos os jovens que transitam para os ciclos seguintes e os alunos dos CEF's, que muitos deles se não tivessem oportunidade de seguir por essa via tinham abandonado os estudos.

No entanto será que isso significa sucesso? No caso dos CEF's não se estará a facilitar o grau académico dos alunos que frequentam os cursos profissionais?

Ao fazermos uma breve comparação com outros tempos em que as condições eram outras, verificamos que hoje em dia os alunos têm tudo que é necessário para atingirem os objectivos propostos pelas escolas para os alunos que frequentam, e mesmo assim continuam-se a verificar retenções, abandonos, opção por CEF's.

4.2.3 - Comparação com restante União Europeia

Comparando Portugal com os restantes países da União Europeia verificamos que cada país adopta o seu método relativamente ao ensino.

Inglaterra, País de Gales, Noruega, Suécia, Dinamarca e Islândia, são países onde não há lugar a retenções, a progressão no designado ensino Primário é automática.

Portugal e Irlanda são os únicos onde a retenção pode ser efectuada sob razões excepcionais, a esta regra escapa o 1º ano do 1º ciclo português.

Em Espanha e França um aluno pode repetir apenas um ano em qualquer dos ciclos que compõem o ensino Primário.

Na maioria dos outros países é possível repetir em cada ano é o caso da Finlândia, Estónia, Letónia, Lituânia, Polónia, República Checa, Eslovénia, Roménia, Bulgária, Malta, Itália, Luxemburgo, Bélgica, Alemanha, Áustria, Holanda e Hungria.

Sabemos que a alfabetização nos outros países é mais elevada do que em Portugal, portanto poderá querer dizer que os métodos utilizados por esses mesmos países têm mais sucesso.

4.2.4 - Soluções e medidas específicas contra o insucesso escolar

É extremamente difícil, senão mesmo impossível referir todas as medidas específicas de combate ao insucesso escolar, contudo, a sua prevenção é essencial e urgente, como tal, procuraremos neste espaço mencionar algumas medidas de combate a este fenómeno.

Referenciamos, em primeiro lugar, algumas estratégias interventivas recomendadas pelo Ministério da Educação (1992) e algumas das linhas de intervenção da União Europeia, citadas pelo mesmo Ministério (s.d.). Estas desenvolvem-se a vários níveis e estão relacionadas com as políticas estruturais, com a escola, com o professor, com a família e com o aluno.

Passamos, seguidamente, a falar um pouco de cada medida.

De acordo com o Ministério da Educação (cf. 1992:13), no campo das políticas estruturais, pretende-se:

- “Generalizar a *pré-escolaridade*, medida unanimemente considerada de importância fundamental.

- Adequar o *ritmo escolar* às necessidades das crianças e dos jovens, sublinhando a importância da repartição equilibrada dos tempos de trabalho e de lazer no dia, na semana, no ano escolar.
- Tornar o *horário flexível*, adaptando a organização do ensino às características de vida da comunidade em que a escola se insere.
- *Reduzir as rupturas* entre os vários ciclos, quer desenvolvendo um tronco comum, quer considerando cada ciclo como um todo, diminuindo a frequência dos momentos de selecção. (...)
- Facilitar as *aprendizagens básicas*, como as da linguagem e as da matemática.
- Utilizar novos *equipamentos e métodos* pedagógicos com recurso aos muitos canais de difusão de conhecimentos, para estimular as aprendizagens e desenvolver o potencial de cada aluno.
- Recorrer a novos *sistemas de avaliação* adequados aos novos objectivos da educação. Preferência marcada pelos sistemas que atendem prioritariamente à aquisição de competências, permitindo implicar o aluno na sua avaliação e respeitar o seu ritmo e estilo de aprendizagem.
- Disponibilizar apoio ao jovem, no campo da *orientação*, tanto ao longo do percurso escolar, como na escolha profissional, quando se verifica a passagem para o mundo do trabalho.”

Escola

Relativamente à escola, de acordo com o estipulado pelo Ministério da Educação (1992), procura-se:

- Melhorar a relação escola/ meio;
- Aumentar a autonomia, de forma a favorecer uma adaptação dos programas ao contexto específico e à diversidade dos seus alunos, permitindo um melhor aproveitamento dos recursos de que dispõe;
- Aumentar a cooperação com a família em actividades escolares e extraescolares;
- Melhorar a vida escolar, louvando o desempenho dos professores no sucesso escolar.

Professor

O professor desempenha uma função preponderante na redução do insucesso. De acordo com o Ministério da Educação (1992), a teoria segundo a qual o professor desempenha um papel essencial no combate ao insucesso do aluno é corroborada por todos os Estados-Membros da União Europeia. Estes admitem que o êxito e a eficácia das medidas a serem postas em prática derivam, em grande parte, da forma como o professor se envolve no acto educativo. Com isto, depreendemos que a sua formação inicial e contínua assume elevada importância, uma vez que a sociedade se encontra em constante mutação.

Assim, (cf. Martí e Guerra (dir.), 1997:21) referem que como “pressuposto básico relativo às funções e responsabilidades profissionais do educador, importa salientar a sua formação permanente com seminários e cursos de especialização, que lhe permitem exercer correctamente a sua tarefa dentro da comunidade educativa”.

Achamos importante ainda salientar que o professor é muitas vezes o alicerce sócio-afectivo do quotidiano de uma criança, em processo de desenvolvimento, o que pressupõe a tomada urgente de medidas na sua formação geral.

A missão do professor é cada vez mais complexa, sobretudo no quadro do tema que temos vindo a tratar e só poderá ser verdadeiramente assumida por este se, para o efeito, puder contar com o apoio e a colaboração dos demais intervenientes no processo educativo. Nesta perspectiva enquadra-se a necessária cooperação entre professores de uma mesma escola e dos diferentes níveis de ensino. Esta cooperação tem vindo a ser desenvolvida por alguns sistemas educativos; cooperação reconhecida como eficaz, mas que encontra ainda resistências por parte de alguns professores (cf. Ministério da Educação, s.d.).

Família

No que concerne à família, e como já referimos anteriormente, esta desempenha um papel de extrema importância no processo educativo, e por consequência no combate ao insucesso escolar. Tal é corroborado pelo Ministério da Educação (s.d.) e pela maioria dos Estados-Membros da União Europeia.

O Ministério apela à participação dos pais na gestão da escola, participação essa assegurada principalmente através do Conselho de Turma. Porém, “raramente

encontramos as famílias associadas a trabalho de fundo capaz de afectar o projecto de escola. Poderemos mesmo adiantar que o nível da sua participação dependerá do grau de autonomia de que as escolas gozam” (cf. Ministério da Educação, s.d.:87).

Aluno

Em relação ao aluno, Fonseca (cf. 1999:532) diz que “para superar o insucesso é, necessário começar por algo que a criança possa aprender e não aguardar que, milagrosamente, a criança aprenda sem possuir pré-aptidões e pré-requisitos”, dos quais esta deve ter experiências pedagógicas muito gratificantes e que a ela se adaptem.

As pedagogias que podem favorecer o desenvolvimento pessoal e o interesse pela frequência escolar são diversas. Neste sentido, o Ministério da Educação (cf. 1992:15-16) refere algumas: “a pedagogia por grupos de nível visando a adaptação às características individuais e permitindo um diagnóstico preciso das dificuldades de cada um; a pedagogia diferenciada que se fundamenta no princípio de que não há via única para o conhecimento; paralelamente, pela avaliação formativa, o aluno é guiado na sua formação pela ajuda à identificação das suas finalidades e à procura do modo de as resolver; a pedagogia de projecto, já que aprendizagem implica acção. O projecto, levado a cabo por um grupo de alunos e animadores, supõe espírito de cooperação e abordagem interdisciplinar dos objectivos, desenvolve uma pedagogia activa fundada numa relação constante entre a prática e a teoria e acentua a criatividade e a expressão livre dos alunos.”

Ainda o Ministério da Educação (cf. 1992:16) refere que a maior parte dos Estados-Membros “dispõe de um dispositivo de despiste de dificuldades, como exames médicos, psicológicos, cognitivos, permitindo a utilização de dispositivos de apoio adequados: tipo de ensino, ritmo adequado, orientação, actividades de recuperação. Destaca os dispositivos de educação global, pois atribui ao aluno em dificuldade uma maior responsabilização no âmbito de projectos ligando estreitamente a escola, a família e o meio”.

Outro aspecto focado pelo Ministério da Educação (cf. 1992:16) para recuperação dos alunos com insucesso é o recurso à “colaboração das empresas procurando por iniciativa, quer central, quer local, a formação que facilite aos jovens a

inserção profissional ou mesmo, numa perspectiva mais ambiciosa, que visando a sua educação integral os habilite a uma autêntica inserção social”.

Contudo, as tentativas de luta contra o insucesso sustentam necessariamente a edificação de uma melhor escola e “melhorar a formação dos alunos em dificuldade significa afinal melhorar o conjunto das técnicas pedagógicas e a qualidade do ensino”. (cf. Reunião de Altos Funcionários da Educação sobre o Insucesso e o abandono Escolar nos Sistemas Educativos – nota para debate preparada a pedido da Presidência. Citado em Ministério da Educação, 1992:16).

De uma forma geral, existe a preocupação em agregar esforços a nível da Comunidade com o objectivo de trocar informações, apoiar o desenvolvimento de projectos e estudos que ajudem a descodificar e compreender o problema do insucesso.

Existe também a preocupação a nível dos países da União Europeia relativamente ao desenvolvimento de estratégias que contribuam para o sucesso educativo, entre estas realçam-se as três últimas linhas apontadas: “A oferta de educação deve ser flexível e diversificada, para permitir a cada estudante encontrar um caminho adequado aos seus talentos e objectivos. (...) O potencial das novas tecnologias e os instrumentos para educação à distância devem ser explorados no sentido de se enriquecerem os conteúdos da educação. Devem ser desenvolvidos sistemas de informação e de avaliação para aprofundar o conhecimento destes problemas, para ajudar cada estudante a fazer as suas opções e para possibilitar à administração o controlo do insucesso e do abandono”. (cf. Ministério da Educação, 1992:18).

Ao olharmos a escola no âmbito do insucesso, surgem-nos os alunos cujos interesses e resultados são profundamente influenciados pelo clima ou espírito particular de cada escola. Assim na busca de soluções, a OCDE (cf. 1992:218- 219) refere dez características, consideradas como fundamentais para atingir bons resultados escolares:

- I) “O desejo de alcançar normas e finalidades definidas claramente e de comum acordo;
- II) Uma planificação em colaboração, uma comum tomada de decisões e um trabalho colegial empreendido num espírito de experimentação e de avaliação;
- III) Uma direcção dinâmica para o pôr em prática e a manutenção do melhoramento;
- IV) A estabilidade do pessoal;
- V) Uma estratégia de formação permanente e de aperfeiçoamento do pessoal que corresponda às exigências de cada escola no plano da pedagogia e da organização;

VI) A aplicação de um programa de estudos meticulosamente elaborado e coordenado que permita a cada aluno adquirir os conhecimentos teóricos e práticos essenciais;

VII) Um alto nível de participação e de apoio da parte dos pais;

VIII) O reconhecimento dos valores peculiares do estabelecimento e a adesão a estes valores mais do que aos valores individuais;

IX) Uma exploração máxima do tempo escolar;

X) O apoio dinâmico e sólido da autoridade escolar competente.” Outras medidas consideradas urgentes no âmbito da prevenção do insucesso dos alunos são também referidas por Medeiros (1990):

- “Intensificar a acção médica escolar; Intensificar a acção social escolar;
- Fornecer uma rede de escolas adequadas às necessidades psicopedagógicas nas crianças, sem descurar a componente estética;
- Fornecer materiais pedagógicos e de suporte às escolas ou um fundo de maneo compatível;
- Promover a figura do psicólogo na escola que, funcionando como uma «antena» e em conjunto com o professor, possa identificar grupos de alto risco e proceder ao seu encaminhamento para as estruturas de apoio, como os Centros de Apoio Médico-Psicopedagógicos;
- Promover a figura do pedagogo que, em conjunto com o professor e o psicólogo, poderá delinear programas de intervenção ao nível pedagógico para os grupos de baixo risco de insucesso escolar”.

Analisando a Lei de Bases do Sistema Educativo, observamos que as medidas a implementar para promover o sucesso escolar e educativo na escolaridade obrigatória são:

- Actividades de acompanhamento e complemento pedagógicos;
- Serviços de psicologia e orientação escolar e profissional;
- Acção social escolar;
- Serviços especializados dos centros comunitários de saúde. (Artigos 24.º a 28.º)

Face ao que expusemos anteriormente, depreendemos que são inúmeras as medidas implementadas para minorar o insucesso e todas colocam a escola, professores, família e alunos em igualdade de forma a ultrapassar esta situação. Porém, não devemos

descurar que estas só serão válidas se os intervenientes anteriores acreditarem e respeitarem os valores do outro.

4.2.5 - Curiosidades

Em Portugal a retenção é excepcional no 1º ciclo, no 2º ciclo os alunos podem repetir o ano se apresentarem fracos resultados a três disciplinas incluindo Português e Matemática.

Na Bulgária não é possível repetir no 1º ano do ensino Primário, para compensar eventuais dificuldades de aprendizagem são organizados cursos de verão.

Na Estónia a retenção no 1º e 2º anos do ensino Primário só pode ser efectuada por razões excepcionais (exemplo, médicas).

No Chipre os alunos só podem repetir uma vez em todo o ensino Primário.

Na Letónia um aluno só pode ser retido se a retenção for autorizada pela direcção da escola e os pais concordarem com a decisão.

Na Hungria depois do 2º ano os alunos podem ser retidos num determinado ano se não alcançam os objectivos desse nível.

Em Malta espera-se naturalmente que não haja lugar a retenções nos três primeiros anos. O mesmo se passa na Polónia onde a retenção admite-se em casos excepcionais e depois de a escola ter consultado os pais e especialistas de um centro de assistência psicológica.

Na Eslovénia, uma reestruturação dos currículos vai permitir que os alunos que frequentem o último ciclo do ensino Primário (com idades entre os 12 e os 15) possam repetir em cada ano, ao passo que os que frequentam os dois primeiros ciclos só poderão repetir o ano com a concordância dos pais.

4.2.6 - Eternidade do Insucesso Escolar

O insucesso sempre existiu e sempre existirá, senão vejamos:

- A sociedade exige que a escola faça uma filtragem escalonada de alunos, de onde se justifica a escala de classificação de 1 a 5 níveis (ensino básico) ou a de 0 a 20 valores (ensino secundário e superior).
- Uma escola nunca aceita 100% de sucesso. A sociedade espera que a escola mantenha um exigente nível de competências nos alunos. Quanto mais exigente for a escola em relação à sua comunidade, menores níveis de sucesso são atingidos.
- Os alunos são diferentes, aprendem de formas diferentes e exprimem-se em modos diferentes, determinando diferentes registos para a sua avaliação que um professor não consegue observar ou anotar.
- Em cada turma, o professor ajusta o nível de exigência para o tipo de aluno mediano observado, resultando alunos com medíocre desempenho e outros com excelente desempenho; Um professor sozinho na aula não consegue actuar com diferentes metodologias num mesmo instante.
- Na sala de aula, existe um prazo único para a aprendizagem; Alguns alunos precisam de mais tempo de aulas para apoio educativo, na escola ou num "explicador".

5 - CONCLUSÕES

5.1 – Conclusões

Após a análise e discussão de resultados relativos às respostas dos alunos aos questionários e com base na revisão da literatura com suporte nas investigações de outros autores iremos concluir a nossa dissertação realçando os motivos que os alunos consideram mais importantes para as Causas do (In) Sucesso Escolar:

- 1- Os alunos atribuem um papel importantíssimo á ajuda que a escola dá na preparação para os exames. É na escola que os alunos passam grande parte do dia, importa por isso criar condições que fomentem o sucesso escolar e educativo do aluno.
- 2- *“Organização e articulação do horário escolar, tempos livres e tempo de estudo diário”* é outro motivo referenciado pelos alunos pois devido às actividades extracurriculares cada vez mais usuais é necessário um bom controlo do tempo para que o aluno não perca a noção do que lhe é prioritário.
- 3- Outro aspecto importante é a família, um factor em que o aluno não tem uma intervenção directa, mas sofre sempre a sua consequência, os adolescentes são o espelho da nossa sociedade (família). Mais importante e interessante ainda é o facto de os alunos terem a perfeita noção disso.
- 4- As expectativas pessoais em relação ao rendimento académico é outro factor a ter conta. Auto-conceito e auto estima estão intimamente relacionados, sendo o auto-conceito um conjunto de percepções que cada indivíduo tem de si mesmo, organizado em pirâmide, com percepções de comportamentos específicos na base e com a percepção global de si próprio no topo e auto-estima uma componente afectiva do auto-conceito que resulta da assimilação e interiorização da imagem que os outros têm e projectam em nós. O rendimento escolar é então condicionado pela auto-estima e as crianças com baixo nível de auto-estima são vítimas de impotência nos estudos e as novas experiências negativas vêm reforçar o auto desprezo, caindo-se num ciclo vicioso destrutivo. Nas crianças com uma auto-estima positiva observa-se um bom rendimento nos estudos, pois estas tendem a esperar o sucesso e a ser mais autónomos.

- 5- A motivação dos alunos é um dos factores que determina se um aluno irá, ou não, adquirir o conhecimento, a compreensão ou habilidade em desempenhar uma determinada tarefa.
- 6- O facto de os alunos terem objectivos é um factor importante para o sucesso escolar pois permite-lhes saberem qual o sentido e importância do estudo o porquê do que fazem e pode ser um motivo extra e facilitador ao sucesso escolar. É importante referenciar que a opinião dos pais conta no entanto não deve sobrepor-se á do filho.
- 7- Um estilo de vida saudável, independente de bebidas e drogas, é essencial para se obter resultados académicos positivos.
- 8- O insucesso escolar é uma condição de stress emocional que afecta a criança, a família e a escola e por isso os professores têm de direccionar o trabalho educativo para que seja o mais adequado possível às necessidades das crianças.

6 - BIBLIOGRAFIA

- ALLEN, D., & FRASER, B. J. (2002). Parent and student perceptions of the classroom learning environment and its influence on student outcomes [Resumo]. In American Educational Research Association (Org.), *Annual Meeting of the American Educational Research Association* (p. 298). New Orleans: Autor
- BALANCHO, M. J. e COELHO, F., (1996), *Motivar os Alunos – Criatividade na Relação Pedagógica: Conceitos e Práticas*, Lisboa, Texto Editora.
- BENAVENTE, A. (1990). Insucesso escolar no contexto Português: abordagens, concepções e políticas. *Cadernos de Pesquisa e de Intervenção*, 1, pp. 1-40.
- BENAVENTE, Ana (1988). Equacionar a questão e debater estratégias, in *Da construção do Sucesso Escolar*. Seara Nova, n.º18, pp.23-27.
- CHARLOT, BERNARD. *Da relação com o saber : elementos para uma teoria*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000. 93p. ISBN 8573076313
- CORTESÃO, LUÍSA; TORRES, MARIA ARMINDA, *Avaliação Pedagógica I Insucesso Escolar*, 4ª ed., Col. Ser Professor, Porto Editora, Porto, 1990.
- ENCICLOPÉDIA LUSO BRASILEIRA DE CULTURA, 20º. (1980). Lisboa: Editorial o Livro.
- EURYDICE (1995). *A Luta Contra o Insucesso Escolar: um desafio para a construção europeia*, Lisboa: Ministério da Educação, Departamento de Programação e Gestão Financeira.
- FERNANDES, ANTÓNIO SOUSA, “O Insucesso Escolar” in *A Construção Social da Educação Escolar*, Col. Biblioteca Básica de Educação e Ensino, Edições ASA / Clube do Professor, Rio Tinto, 1991, pp. 187-232.

- FONSECA, V. (1999). *Insucesso Escolar – Abordagem Psicopedagógica das Dificuldades de Aprendizagem*. Lisboa: Âncora Editora.
- FORMOSINHO, J. (1987). A Influência dos Factores Sociais. In *O Insucesso Escolar em Questão. Área de Análise Social e Organizacional da Educação* (pp.23-27). Braga: Universidade do Minho.
- GARCÍA PÉREZ, E. M. (2001). Bases Conceptuales del Fracaso Escolar, en (*Máster Profesional en Intervención PsicoPedagógica*). Disponível em <http://www.tdah.com/Fracaso%20Escolar%20y%20TDAH.html>, consultado em 20 de Julho de 2010
- GILLY, MICHEL, 1989, «Les représentations sociales dans le charnp éducatif», in Denise Jodelet, *Les Représentations Sociales*, Paris, PUF.
- GLÓRIA. DÍLIA MARIA ANDRADE. A escola dos que passam sem saber: a prática da não-retenção escolar na narrativa de alunos e familiares. Puc-Minas, Belo Horizonte, 2002 (dissertação de mestrado)
- HASSENFORDER, JEAN (org.) (1990). *Sociologie de l'éducation: Dix ans de recherches*, Paris: L'Harmattan.
- HUMBERT, B. PIERRE (dir.) (1992). *L'échec à l'école: échec de l'école?* Genève: Delachaux e Niestlé.
- ITURRA, RAUL (1990). *A Construção Social do Insucesso Escolar: Memória e Aprendizagem em Vila Ruiva*. Lisboa: Editora Escher.
- KUHN, T. S. (1962, 1970). *La structure de las revoluciones científicas*. México: Fondo de Cultura económica.

- LAHIRE, BERNARD. Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável. São Paulo: Ática, 1997.
- LE GALL, A. (1978). *O Insucesso Escolar*. Lisboa: Editorial Estampa.
- MARTÍ, M. J. e GUERRA, J. C. (dir.). (1997). *Programa de Formação de Educadores – Psicologia Infantil e Juvenil (IV Vol.)*. Lisboa: Oceano-Liarte Editores.
- MEDEIROS, M. T. P. (1990). *Dimensão Psicossocial e Insucesso escolar: algumas contribuições* (Tese de Mestrado). Coimbra.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (s.d.). *Insucesso e Abandono Escolar*. Lisboa: Gabinete de Estudos e Planeamento.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO; Gabinete de Estudos e Planeamento. (1992). *Insucesso e Abandono Escolar*. Lisboa: Biblioteca de apoio à reforma do Sistema Educativo.
- MORGADO, J. (1999). *A relação pedagógica: diferenciação e inclusão*. Lisboa: Editorial Presença.
- OCDE (1992). *As Escolas e a Qualidade*. Colecção Biblioteca Básica de Educação e Ensino. Porto: Edições Asa.
- PERRENOUD, P. (1990). *Culture scolaire, culture élitare?*, Coordination, n.º37, Mai, pp.21-23. 177
- PIRES, E. L., FERNANDES, A S. e FORMOSINHO, J. (1991). *A Construção Social da educação Escolar*. Porto: Edições Asa. Colecção Biblioteca Básica de Educação e Ensino.

PIRES, L. (1987). “Não há um, mas vários insucessos”, in vários. *O insucesso Escolar em Questão*. Cadernos de Análise Social da Educação. pp.11-15. Braga: Universidade do Minho.

RANGEL, A. (1994). *Insucesso Escolar*. Lisboa: Instituto Piaget.

ROAZZI, A., e ALMEIDA, L. S. (1988). “Insucesso escolar: Insucesso do aluno ou insucesso do sistema escolar?” In *Revista Portuguesa de Educação*, 1 (2), pp.53-60.

SANKAR-DELEEUW, N. (2002). Gifted preschoolers: parent and teacher views on identification, early admission, and programming. *Roeper Review*, 24(3), 172-177.

SILVA, A. e SÁ, I., (1993), *Saber Estudar e Estudar para Saber*, Porto, Porto Editora.

SIMÕES ALCINO “Sucesso Educativo em Matemática”, Folha do Alcino, IDEIAS, 14 Julho 2006

Referências legislativas:

Portugal, Lei n.º 46/86, de 14 de Outubro – Lei de Bases do Sistema Educativo.

Pesquisa na internet:

<http://educar.no.sapo.pt/Insucesso.htm>

[http://www.infopedia.pt/\\$insucesso-escolar,2](http://www.infopedia.pt/$insucesso-escolar,2)

<http://pchicologico.blogs.sapo.pt/2498.html>

ANEXO

- Questionário

Este questionário destina-se a recolher informações sobre causas de Sucesso e Factores de Abandono Escolar. O anonimato e a confidencialidade das respostas são integralmente garantidos. Agradecemos desde já a tua colaboração, pedimos que respondas com sinceridade às questões apresentadas. Não há respostas correctas nem erradas, a tua opinião é sempre válida.

NÃO COLOQUES O TEU NOME EM LADO NENHUM

ENQUADRAMENTO BIOGRÁFICO

ESCOLA _____

ANO DE ESCOLARIDADE _____

1.DATA DE NASCIMENTO ____/____/____ 2. LOCAL DE _____
NASCIMENTO _____

3.NACIONALIDADE _____

4.GÉNERO (coloca uma cruz na tua opção):

4.1. Masculino	☐
4.2. Feminino	☐

1. Indica por ordem de importância, de 1 (nada importante) a 5 (muito importante), os motivos pelos quais pensas que os outros abandonam a escola:

1 - Nada importante; 2 - Pouco importante; 3 – É indiferente; 4 - Algo Importante; 5 - Muito importante

[illegible]

II. ESTRATÉGIAS PARA COMBATER (diminuir) O ABANDONO ESCOLAR

1. Assinala, na tua opinião, a ordem importância, de 1 (nada importante) a 5 (muito importante), das seguintes estratégias para combater o abandono escolar:

1 - Nada importante; 2 - Pouco importante; 3 – É indiferente; 4 - Algo Importante; 5 - Muito importante

MOTIVOS	1	2	3	4	5
Estratégias de ensino adequadas ao nível, características e dificuldades dos alunos					
Deteção atempada dos alunos em risco de acompanhamento particularizado					
Aumentar as actividades extra-curriculares					
Aumentar o envolvimento dos alunos nas actividades da escola					
Aumentar a oferta de cursos profissionais e tecnológicos					
Renovar as estratégias de avaliação					
Aumentar os espaços de lazer nas escolas					
Alargar os tempos escolares de convívio e participação extra-curricular					
Criar condições para aumentar o envolvimento da família nas actividades escolares					
Responsabilizar mais a família pelo ensino dos filhos					
Aumentar o apoio psicológico, em especial aos alunos de risco					
Criar observatórios que permitam a detecção precoce dos alunos em risco					
Aumentar o apoio às famílias sensibilizando-as para a importância da aprendizagem					
Aumentar o envolvimento da comunidade local (autarquia, agentes, sociais)					
Renovar os espaços da escola tornando-os mais atractivos					
Aumentar as actividades (ofertas) de Desporto Escolar					
Apetrechar a escola com material e campos desportivos disponíveis aos alunos					
Criar observatórios que permitam detectar as necessidades educativas dos alunos					
Aumentar a oferta de áreas de lazer para ocupar os tempos livres					
Disponibilizar computadores em número suficiente para os alunos estudarem					
Disponibilizar mais aulas de apoio e estudo acompanhado					
Criar observatórios articulados com o apoio psicológico					
Outros motivos (especifica quais e atribui-lhe a pontuação de 1 a 5)	1	2	3	4	5

III. CAUSAS DE (IN)SATISFAÇÃO COM A ESCOLA E O ENSINO

1. Assinala, na tua opinião, a ordem de importância, de 1 (nada importante) a 5 (muito importante), dos seguintes factores que podem alterar a satisfação ou insatisfação com a escola:

1 - Nada importante; 2 - Pouco importante; 3 – É indiferente; 4 - Algo Importante; 5 - Muito importante

MOTIVOS	1	2	3	4	5
Adaptação dos horários em cada ano lectivo					
Sentir-se bem na escola					
Sentir que os professores gostam de si					
Sentir que o Conselho Executivo e os Órgãos de Gestão os apoiam					
Adaptação ao funcionamento dos serviços e espaços da escola					
Sentir-se acolhido e protegido pelos funcionários da escola					
Gostar das estratégias de ensino e de aprendizagem					
Sentir-se integrado na escola					
Ser apoiado nas matérias com mais dificuldades					
Participar na Vida da escola					
Gostar dos professores e das suas estratégias de ensino					
Facilidade e abertura no diálogo com os professores					
Gostar da matéria de ensino					
Articulação entre a matéria de ensino e a prática					
Ter amigos na escola (mesmo de outras turmas)					
Participação activa nas actividades escolares (envolvimento e responsabilização)					
Oferta de práticas desportivas diversificadas no Desporto Escolar					
Participação em actividades culturais e recreativas					
Acompanhamento dos professores dentro e fora das aulas					
Apoio tecnológico e audiovisual para pesquisar e estudar					
Percepção da importância da matéria curricular nas saídas profissionais					
Organização da escola e disponibilização de espaços para ocupação de tempos livres					
Outros motivos (especifica quais e atribui-lhe a pontuação de 1 a 5)	1	2	3	4	5

IV. CAUSAS DE (IN)SUCESSO ESCOLAR

1. Assinala, na tua opinião, a ordem de importância, de 1 (nada importante) a 5 (muito importante), dos seguintes factores que podem condicionar o sucesso escolar:

1 - Nada importante; 2 - Pouco importante; 3 – É indiferente; 4 - Algo Importante; 5 - Muito importante

MOTIVOS	1	2	3	4	5
Ajuda por parte da escola na preparação para os exames					
Disponibilidade de tempo e apoio familiar para estudar					
Disponibilidade económica e de material adequado para estudar					
Estudo acompanhado (pais, colegas, professores, explicadores)					
Percepção de dificuldades de aprendizagem (auto-conceito de capacidade)					
Responsabilização e percepção do aluno da importância dos estudos					
Responsabilização e percepção dos pais do aluno da importância do estudo do filho					
Expectativas pessoais em relação ao rendimento académico ou em relação às notas					
Estabilidade emocional e afectiva, satisfação com a vida e equilíbrio de felicidade					
Estilo de vida saudável nas horas de sono, alimentação e consumo de substâncias					
Organização e articulação de horário escolar, tempos livres e tempo de estudo diário					
Nível de exigência por parte dos professores					
Acompanhamento e apoio dos professores					
Estratégias de ensino e de aprendizagem adequadas ao nível dos alunos					
Interesse e motivação dos professores na aprendizagem dos alunos					
Preparação académica dos professores					
Motivação dos alunos para aprender					
Definição de objectivos para o futuro (dos alunos e dos pais)					
Percepção da importância dos estudos para o futuro					
Equilíbrio da estrutura familiar					
Articulação entre a matéria de ensino e a realidade da vida					
Aplicabilidade das aprendizagens em profissões futuras					
Outros motivos (especifica quais e atribui-lhe a pontuação de 1 a 5)	1	2	3	4	5